

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

Gabriela Silveira Pina

“HISTÓRIA DA INGLATERRA”, DE JANE AUSTEN: COMENTÁRIOS
SOBRE UM EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO

Porto Alegre

2017/2

GABRIELA SILVEIRA PINA

**“HISTÓRIA DA INGLATERRA”, DE JANE AUSTEN: COMENTÁRIOS
SOBRE UM EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito para
a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre

Janeiro de 2018

CIP - Catalogação na Publicação

Pina, Gabriela Silveira
"HISTÓRIA DA INGLATERRA", DE JANE AUSTEN:
COMENTÁRIOS SOBRE UM EXERCÍCIO DE TRADUÇÃO /
Gabriela Silveira Pina. -- 2018.
64 f.
Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Letras, Curso de Letras: Tradutor Português e
Inglês, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Exercício de tradução. 2. Jane Austen. 3.
Juvenília. 4. História da Inglaterra. 5. Humor. I.
Maggio, Sandra Sirangelo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais e ao meu irmão, por sempre me apoiarem, me ajudarem e me incentivarem em todas as minhas decisões. Se não fosse por vocês, nada disso seria possível. Amo muito vocês.

Muito obrigada, também, aos meus avós, às minhas tias, e aos meus primos, por sempre estarem do meu lado, não importa a situação.

Quero agradecer a todos os meus amigos, que tiveram, têm e sempre terão um papel fundamental na minha vida. Sem vocês, eu não seria a pessoa que sou hoje, e cada um sabe da extrema importância que tem para mim.

Gostaria de agradecer à minha orientadora, a professora Sandra Sirangelo Maggio, pela sempre excelente orientação, pelas melhores aulas que eu tive na minha vida, por ser uma pessoa maravilhosa, e por sempre me confortar nos meus momentos de desespero. Tu mereces tudo do melhor que essa vida tem para oferecer.

Também gostaria de agradecer à professora Rosalia Angelita Neumann Garcia, pela supervisão na disciplina de Estágio Supervisionado de Tradução do Inglês I, sem a qual este TCC não teria sido desenvolvido; e à professora Ana Beatriz Areas da Luz Fontes, pela disciplina Leitura e Produção de Textos em Inglês I, que me ajudou a formatar minha ideia inicial para o TCC.

Obrigada aos professores Márcia Ivana de Lima e Silva e Leonardo Pogliá Vidal por aceitarem, de tão bom grado, ler o meu trabalho e fazerem parte da minha banca examinadora. À Márcia, especialmente, por sempre ter me incentivado a seguir o caminho das Letras, mesmo antes da minha entrada na faculdade.

Por fim, agradeço ao Governo Federal pela bolsa de Iniciação Científica BIC, com a qual pude contar durante minha formação universitária.

*“I do not want people to be very agreeable,
as it saves me the trouble of liking them a great deal.”*

— Jane Austen, *Jane Austen's Letters*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar um comentário sobre “História da Inglaterra”, um texto escrito por Jane Austen quando tinha quinze anos, que integra a coletânea dos primeiros escritos da autora conhecida como *Juvenilia*. Percebe-se já nesses primeiros textos que Austen começava a desenvolver as habilidades que mais tarde a tornariam conhecida pelo grande domínio do humor e da ironia na língua inglesa. Na *Juvenilia*, essas técnicas não estão aperfeiçoadas, ainda não servem para montar o painel da vida da pequena nobreza rural do sul da Inglaterra pelo qual Austen seria mais tarde reconhecida. Durante minha graduação, tive a oportunidade de atuar como Bolsista de Iniciação Científica, tendo como foco de estudos a obra de Jane Austen. Pude também traduzir “História da Inglaterra” para a disciplina de Estágio Supervisionado de Tradução I. Essas duas frentes de atuação fizeram com que eu percebesse o quanto da Austen madura já é visível na *Juvenilia*, e o quanto falta ainda a percorrer até ela apurar a visão tão aguçada da sociedade que se tornaria sua marca registrada. Dessa forma, a presente monografia vem estruturada em duas partes. A primeira apresenta as questões de fundo que surgiram durante o processo de tradução de “História da Inglaterra”, quando me perguntava se as sutilezas do humor de Austen e a apresentação do contexto social estavam claras para meu leitor-alvo, um leitor universitário brasileiro da área das Humanidades. Em que medida a tradução desse humor ainda tosco de Austen viajaria bem em tradução? Para os esclarecimentos sobre o pano de fundo, utilizo dados factuais extraídos de duas biografias de Austen: aquela escrita por seu sobrinho, James Edward Austen-Leigh (1869); e a que é considerada a mais atualizada, de Deirdre Le Faye (2002). Para o trato com a História, recorro ao livro *Uma Breve História da Inglaterra* (2012), de Elvio Funck, por se tratar de um autor brasileiro muito experiente, que é professor especializado em cultura inglesa. Para verificar como se constrói o humor, busco apoio em artigos de John Lauber (2017) e Candace Nolan-Grant (2017). A segunda parte do trabalho apresenta e comenta a tradução que fiz de “História da Inglaterra” do inglês para o português. As considerações desta seção refletem a preocupação da tradutora em transpor o texto de uma cultura para outra, fazendo o possível para alcançar o mesmo tipo de efeito no leitor do contexto original. Isso inclui até mesmo a questão de como lidar com a forma mais tosca de escrita que temos na fase inicial. Como apoio teórico-crítico para os estudos de tradução, me baseio na Teoria Funcionalista de Christiane Nord (2005). Espero, assim, que este trabalho possa servir como um recurso útil para aproximar os leitores brasileiros que se interessam por Austen e pelos estudos de tradução de mais uma obra escrita por essa grande escritora.

Palavras-chave: 1. Exercício de tradução; 2. Jane Austen; 3. *Juvenilia*; 4. “História da Inglaterra”; 5. Humor; 6. Literatura e história.

ABSTRACT

The aim of this work is to comment “The History of England”, a text written by Jane Austen when she was fifteen years old, which integrates the collection of the first writings of the author known as *Juvenilia*. In these first texts, it is evident that Austen was beginning to develop the skills that would later make her famous for her mastery of humor and irony in the English language. In the *Juvenilia*, these techniques are not ripe, they are not yet used to set up the panel of the life of the rural gentry of the South of England for which Austen would later be recognized. During my undergraduate years, I had the opportunity to act as a junior researcher [*Bosista de Iniciação Científica*], focusing on Jane Austen studies. I also translated “The History of England” for the discipline of trainee practice *Estágio Supervisionado de Tradução do Inglês I*. These two fronts of action made me realize how much the mature Austen is already perceptible in her *Juvenilia*, and how much remains to be perfected until she acquires the sharp vision of society that later would become her main trait. Thus, this monograph is structured in two parts. The first poses the questions that emerged during the translation process of “The History of England”, when I wondered if Austen's subtleties in the use of humor and her presentation of the social context were clear to my target reader, a Brazilian university reader from the area of Humanities. To what extent the translation of such a puerile humor would work well in translation? For clarification on the background, I used factual data extracted from two biographies: the one written by Austen’s nephew, James Edward Austen-Leigh (1869); and the one considered the most updated, Deirdre Le Faye’s (2002). To refer to history, I turned to Elvio Funck's book *Uma Breve História da Inglaterra* (2012), as he is a very experienced Brazilian professor specialized in English culture. To check the use of humor, I looked for support in articles by John Lauber (2017) and Candace Nolan-Grant (2017). The second part of the monograph poses the comments on my translation of “The History of England” from English to Portuguese. The considerations in this section present my translator’s concern to transpose the text from one culture to another, aiming at achieving the same kind of effect it had on the reader from the original context. This includes the question of how to deal with the rougher form of writing we have in the initial phase of Austen’s work. As a theoretical-critical support in translation studies, I aligned with Christiane Nord’s Functionalist Theory (2005). I hope that this work serves as a useful resource for bringing together Brazilian readers who are interested in Austen and in translation studies.

Keywords: 1. Translation exercise; 2. Jane Austen; 3. *Juvenilia*; 4. “The History of England”; 5. Humor; 6. Literature and history.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 SOBRE A OBRA.....	13
1.1 Apresentação de “The History of England”	13
1.2 Contexto Histórico da Obra.....	16
1.3 Uso do Humor.....	22
2 SOBRE A TRADUÇÃO.....	26
2.1 Comentários Gerais sobre a Tradução.....	26
2.2 A Obra Traduzida.....	29
2.3 Comentários sobre Trechos Específicos.....	49
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXO.....	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 01	Capa da Tradução, formatada por Gabriela Silveira Pina.	29
Fig. 02	Rei Henrique IV, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	30
Fig.03	Rei Henrique V, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	31
Fig. 04	Rei Henrique VI por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	32
Fig. 05	Rei Eduardo IV, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	33
Fig. 06	Rei Ricardo III, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	35
Fig. 07	Rei Henrique VII, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	36
Fig. 08	Rei Henrique VIII, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	37
Fig. 09	Rei Eduardo VI, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	39
Fig. 10	Rainha Mary, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	41
Fig. 11	Rainha Elizabeth, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	42
Fig. 12	Rainha Mary Stuart, da Escócia, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	43
Fig. 13	Rei Jaime I, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	45
Fig. 14	Rei Carlos I, por Cassandra Austen, 1791. Disponível em https://www.brainpickings.org/2015/01/30/jane-austen-history-of-england-cassandra-drawings . Acesso em 11/04/2017.	47

INTRODUÇÃO

O primeiro livro clássico de literatura que eu li foi *Pride and Prejudice* (1813), de Jane Austen. Lembro de ter ficado fascinada com aquele cenário do período regencial da Inglaterra georgiana – que se tornou, para uma menina de treze anos do século XXI, a definição de uma sociedade romântica e idealizada. Portanto, a leitura dos romances de Austen instigou meu gosto pela literatura inglesa e, mais tarde, acabou influenciando a minha decisão de escolher uma carreira na mesma área. Durante o curso de Letras, passei dois anos estudando a obra de Austen como bolsista de Iniciação Científica. Só então percebi que havia muito mais nos romances de Jane Austen do que as histórias de amor que haviam me arrebatado naquela fase inicial. Aprendi a apreciar as sutilezas de Austen, a forma como ela expõe o aspecto duro da vida daquelas pequenas comunidades rurais de maneira indireta, disfarçando suas críticas através da ironia pela qual revela aos leitores como sua própria classe social – conhecida como a *Rural Gentry*, ou “pequena nobreza rural” – funcionava. Ou seja, além de as histórias românticas de Austen me fazerem crescer como leitura, elas também tiveram um grande impacto nas minhas opiniões pessoais e acadêmicas.

Em seus seis romances concluídos, Austen é sempre muito sutil e discreta em suas críticas. Mesmo em *Northanger Abbey* (1818), que foi escrito como uma paródia dos romances góticos, sua crítica social está sempre disfarçada nos comentários humorísticos. Normalmente, ela apenas critica abertamente o comportamento de pessoas de classes sociais mais altas, como Lady Catherine de Bourgh, em *Pride and Prejudice*, ou Sir Walter Elliot, em *Persuasion* (1818). Mesmo assim, Austen nunca os ofende diretamente: ela simplesmente os caracteriza de maneira caricatural, para que seus leitores não sintam por eles nem simpatia nem admiração.

O mesmo, no entanto, não ocorre com as histórias que ela escreveu quando era mais jovem – que hoje formam uma coleção conhecida como *Juvenilia*, publicada pela primeira vez em 1954 e composta por várias histórias curtas, novelas epistolares, e outras obras. Nesses textos imaturos, ao contrário do que acontece em seus romances, Austen é muito explícita com suas críticas. É fácil perceber que ela ainda não dominava sua famosa arte da sutileza, que estava ainda aprendendo e fazendo experimentos. Além disso, esses primeiros trabalhos são pouco conhecidos pelo grande público, e receberam menos atenção nos estudos acadêmicos – especialmente no Brasil, devido à falta de traduções para a língua portuguesa.

Entre essas obras iniciais, há uma breve resenha sarcástica sobre um período específico da história da Inglaterra, concluída em novembro de 1791, quando Austen tinha apenas quinze anos. Como o texto foi composto principalmente, se não exclusivamente, para ser lido por sua

irmã Cassandra, Austen não se preocupou em dar detalhes, explicações ou em ser respeitosa. Tratou seus personagens – compostos principalmente pelos grandes reis, rainhas e personalidades da história da Inglaterra – muito mal, ofendendo gratuitamente aqueles de quem não gostava e lisonjeando sem razão aparente os que admirava. Além disso, Austen mostrou opiniões políticas muito fortes, porém, ao mesmo tempo, completamente incomuns. Por exemplo, ela elogia Mary, Queen of Scots, e Ricardo III, considerados em seu tempo como grandes vilões da história inglesa; e, ao mesmo tempo, despreza Elizabeth I, a querida Rainha Virgem. Os argumentos da autora para defender e acusar esses personagens são muito espirituosos e bem-humorados, mostrando aos leitores que desde uma idade bastante tenra Jane Austen já era muito inteligente e tinha muita facilidade com as palavras, mesmo que ela ainda estivesse desenvolvendo seu estilo – e cometendo muitos erros gramaticais.

Ao comparar a “História da Inglaterra” de Austen com suas outras obras da *Juvenilia*, é possível observar que esse trabalho é ainda menos estudado no contexto acadêmico brasileiro. Além de ser escrito com frases muito longas - típicas da língua inglesa, tornando o texto ainda mais difícil de ser traduzido -, este trabalho exige que o leitor tenha um conhecimento preciso e extenso sobre detalhes da própria história da Inglaterra, bem como sobre as opiniões e costumes da sociedade da *Rural Gentry*, dentro do período da Regência. Caso contrário, não é possível compreender completamente as curiosas opiniões da jovem Jane Austen.

Durante a graduação, fui bolsista de Iniciação Científica, orientada pela professora Sandra Sirangelo Maggio, junto ao *Projeto Mochileiros de Outros Mares*. Nesse período, pesquisei como se apresentava a história no pano de fundo dos romances de Austen, assim estudando mais a fundo certos acontecimentos do período histórico no qual eles se passavam. No último ano da minha graduação, para a disciplina de Estágio de Tradução I, ministrada pela professora Rosalia Neumann Garcia, dediquei-me à tradução dessa obra tão pouco conhecida e comentada de Austen, que é a “História da Inglaterra”. Portanto, meu Trabalho de Conclusão de Curso une esses dois aspectos de minha graduação, e consiste em um comentário sobre a tradução da obra. Ou seja, ele se debruça sobre meu exercício de tradução, com o objetivo mais específico de ressaltar os aspectos históricos, biográficos e estilísticos do texto, além de também discutir as minhas escolhas como tradutora.

Para me familiarizar com o texto, várias vezes recorri a duas biografias. A primeira biografia da autora, escrita por seu sobrinho Edward Austen-Leigh, contribuiu com uma visão mais próxima da pessoa que Austen foi. Nos momentos em que, por outro lado, senti necessidade de obter dados mais distanciados e autorizados, recorri à biógrafa Deirdre Le Fay. Utilizei também o livro “Breve História da Inglaterra” (2013), do professor e historiador

brasileiro Elvio Funck, visto que ele conta e explica a história da Inglaterra de uma forma ao mesmo tempo aprofundada e agradável, apresentando muitas referências voltadas para o leitor brasileiro, estabelecendo ligações com assuntos pontuais de nossa cultura, como, por exemplo, por que a cidade de Londrina, no Paraná, tem esse nome. Para tratar sobre o uso sutil do humor nas obras de Austen, me apoiei em textos de John Lauber (2017) e Candace Nolan-Grant (2017). Com respeito aos procedimentos tradutórios, usei a teoria de tradução Funcionalista, como explicada pela tradutora e acadêmica alemã Christiane Nord, em seu livro *Text Analysis in Translation* (2005). Nessa obra, Nord apresenta um modelo de análise de texto para tradução, que leva em consideração a intenção do texto original e da sua respectiva tradução, o tempo e espaço do texto, o meio de comunicação e o motivo para a tradução.

Espero, assim, contribuir para os estudos sobre Austen trazendo para a pauta de discussão essa tradução de sua “História da Inglaterra”, com o objetivo de facilitar a leitura de um texto tão cheio de referências específicas a um contexto social e histórico.

1 SOBRE A OBRA

Antes de contar sobre o processo de tradução e sobre as minhas escolhas tradutórias específicas, considero importante apresentar o texto e o contexto da obra de Austen. Assim, inicio meu Trabalho de Conclusão de Curso com um capítulo dividido em três subseções, nas quais eu comentarei o conteúdo do texto “The History of England”, mostrarei o contexto histórico no qual ele foi produzido, e discutirei o uso que a jovem Austen faz do humor em sua obra.

1.1 Apresentação de “The History of England”

Apesar do que o título da obra possa indicar, a “História da Inglaterra”, de Jane Austen, possui apenas cerca de 3.500 palavras – o que constitui um texto de 10 ou 15 páginas, dependendo da edição. Trata-se mais de uma resenha sobre partes da história e algumas figuras marcantes da Inglaterra do que de um livro de história propriamente dito. O título completo é “História da Inglaterra: Do reinado de Henrique IV até a morte de Carlos I. Por uma historiadora parcial, preconceituosa e ignorante”¹ (AUSTEN, 2011, p. 107). Ou seja, no próprio título, Austen já afirma que a obra que ela escreve não é nem completa, visto que conta apenas partes da história da Inglaterra, nem imparcial, uma vez que ela vai inserir as suas opiniões ao longo do texto. Inclusive, logo no início, ao mencionar a Guerra das Rosas, Austen afirma que:

Se vocês não sabem [sobre essa Guerra], deveriam ler um pouco sobre história, pois eu não me prolongarei nesse assunto, pretendendo apenas expor as minhas ideias contrárias, e mostrar o meu ódio a todos aqueles cujos partidos ou princípios não se adequam aos meus, e não dar informações (AUSTEN, 2011, p. 111).

Além disso, existem alguns outros elementos no texto que não fazem parte da história da Inglaterra em si, mas que, assim como o título, também nos fornecem uma boa ideia sobre como será o texto escrito por Austen. Por exemplo, logo após o título da obra, Austen escreve que “haverá muito poucas datas nesta história” (AUSTEN, 2011, p. 107). Assim, reafirma o fato de ela ser uma historiadora descomprometida, escrevendo sobre a história da Inglaterra apenas para se divertir e, posteriormente, divertir a sua família e amigos próximos.

¹ Ao longo do texto, faço muitas citações à obra de Austen por mim traduzida. Se o leitor desejar ler o texto em seu idioma original, então, deixo-o disponível na parte dos anexos.

Depois, ainda antes do início do texto em si, Austen faz uma dedicatória: “Para a Srta. Austen, filha mais velha do Reverendo George Austen, este trabalho é dedicado com todo o respeito pela Autora” (AUSTEN, 2011, p. 108). Cassandra, como se sabe, não era apenas irmã de Jane, mas também sua melhor amiga e confidente, desde a infância. No caso da “História da Inglaterra”, Cassandra foi também quem ilustrou a obra, desenhando o retrato dos reis e das rainhas mencionados. E Austen conseguiu ser sarcástica até mesmo com essas ilustrações. Ao falar sobre Eduardo IV, por exemplo, Austen escreve: “Este monarca foi famoso apenas pela sua beleza e coragem, do que o retrato que aqui temos dele, e o seu comportamento destemido em se casar com uma mulher enquanto estava noivo de outra, são prova suficiente” (AUSTEN, 2011, p. 112). Contudo, quando conferimos o retrato, é fácil verificar que ele não foi mostrado por Cassandra – que, além de ser a leitora alvo, era também a ilustradora da obra – como sendo tão belo assim. O mesmo procedimento se repete ao longo do texto com várias outras figuras importantes da história da Inglaterra, cujas caricaturas variam de acordo com as opiniões e preferências pessoais de Austen.

Ao final da obra, após contar toda a história que planejava, Austen assim assina a data na qual o texto foi concluído: “um sábado, dia 26 de novembro do ano de 1791”. Ou seja, a autora, que nasceu em dezembro de 1775, tinha apenas 15 anos quando terminou de escrever essa obra. De acordo com James Edward Austen-Leigh, sobrinho e primeiro biógrafo da escritora, essas histórias são de “consistência leve e frágil, normalmente com o objetivo de serem absurdas, sem sentido. Mas esse absurdo possuía muita essência, muita atitude”² (AUSTEN-LEIGH, 2009, p.60). E essa essência é bastante visível ao longo do texto, uma vez que Austen apresenta opiniões peculiares em sua resenha.

O texto da história da Inglaterra de Austen é dividido em 13 seções, algumas maiores e outras menores, cada uma dedicada ao reinado de um monarca diferente. Como informa o subtítulo, a obra inicia no reinado de Henrique IV, que foi empossado em 1399, no século XIV, e vai até o fim do reinado de Carlos I, em 1649, no século XVII. Ou seja, a “História da Inglaterra” de Austen abrange três momentos importantes da história daquele país: começa no início da Guerra das Rosas, atravessa a Dinastia Tudor, e termina em meados da Dinastia Stuart.

A primeira parte, então, é aquela que trata da conflituosa Guerra das Rosas, que dividiu a realeza entre as duas ramificações da Família Plantageneta – que, por sua vez, vinha governando o país desde o século XII, a partir do reinado de Guilherme, o Conquistador. Ou seja, a Guerra envolvia duas casas reais, os York, representados por uma Rosa Branca, e os

² Tradução minha do original: “slight and flimsy texture, and are generally intended to be nonsensical, but the nonsense has much spirit in it.”

Lancaster, cujo símbolo era a Rosa Vermelha. Como tanto os York quanto os Lancaster consideravam que tinham direito legítimo ao trono, combateram por muitas décadas. O professor Elvio Funck faz o seguinte comentário sobre esse episódio histórico:

O conflito, também conhecido como Guerra dos Primos, originou-se no fato de Ricardo II, neto de Eduardo III, não ter tido filho, apesar de ter casado duas vezes. Atribui-se também a origem dessas guerras ao fato de Eduardo III ter tido onze filhos e filhas. Quando Eduardo III morreu, quatro de seus filhos começaram a alegar direitos à sucessão. (FUNCK, 2013, p. 104.)

Ou seja, para o leitor entender o texto de Austen, ele precisa pesquisar a respeito, porque não ocorre à autora prestar qualquer tipo de esclarecimento quanto ao que está ocorrendo ou que tipo de conflito provocou o início dessa situação. Aliás, em sua “História da Inglaterra”, Austen mantém sempre essa mesma atitude. Seu propósito claramente não é o de ensinar. Pelo contrário, sua principal função ao escrever a história é se posicionar politicamente. Assim, ela escolhe defender e lisonjear os reis York, sua casa favorita, e acusar e destratar os reis Lancaster, inimigos da sua casa favorita. Uma constante nas tomadas de partido de Austen é que ela sempre se posiciona na contramão da opinião geral dos ingleses sobre qualquer dos assuntos abordados.

A maneira com a qual ela defende os seus reis preferidos é bastante partidária e limitada. Por exemplo, ao falar sobre Ricardo III, um famoso vilão da história da Inglaterra acusado de matar a esposa e os dois sobrinhos para conseguir a coroa para si, Austen escreve: “O caráter deste príncipe tem sido, de forma geral, muito severamente tratado pelos historiadores. Mas, por ser um York, eu sou deveras inclinada a considerá-lo um homem bastante respeitável” (AUSTEN, 2011, p. 114). Sendo assim, a Jane Austen de 15 anos não estava interessada nos atos que cada rei cometeu, fossem eles bons ou ruins. Ela apenas defendia os monarcas a partir dos seus próprios favoritismos e pré-julgamentos, fazendo jus à classificação que ela mesma criou e sendo, realmente, uma historiadora ignorante, parcial e preconceituosa.

Já a segunda parte do texto de Austen traz como temática principal os reis da Dinastia Tudor, que começa com o reinado de Henrique VII, em 1485, e termina com a morte de Elizabeth I, em 1603. No início desta parte, Austen continua demonstrando sua preferência pelos York, ao afirmar, sobre o rei Henrique VII, que: “Este monarca, pouco após a sua ascensão, casou-se com a Princesa Elizabeth de York, e, por essa aliança, ele claramente provou que considerava o seu próprio direito ao trono inferior ao dela, embora fingisse o contrário” (AUSTEN, 2011, p. 115). Afinal, como se sabe, a casa Tudor descendia da casa dos Lancaster. De acordo com a história oficial, Henrique VII tornou-se rei da Inglaterra porque venceu Ricardo III na batalha de Bosworth. Mas, segundo Austen, o que ele teve de fazer para ser aceito

pelo povo inglês como rei legítimo e acabar com a Guerra das Rosas, foi unir as duas casas, através do seu casamento com a princesa de York.

Contudo, Austen logo muda o seu foco principal, passando a defender Mary Stuart, rainha da Escócia, e a repudiar completamente Elizabeth I. Na verdade, no final da obra, Austen até mesmo afirma que: “As minhas razões principais para escrever a História da Inglaterra é provar a inocência da Rainha da Escócia, o qual me gabo de ter realizado com sucesso, e insultar Elizabeth, embora tenha receio de que esta última parte do meu plano tenha ficado a desejar” (AUSTEN, 2011, p. 128). Ou seja, a jovem Austen está criticando Elizabeth e aclamando Mary, sua heroína favorita. Contudo, tanto as críticas a Elizabeth, quanto os louvores a Mary são bastante fortes. Austen chama Elizabeth de “desgraça da humanidade”, “peste da sociedade”, “destruidora de todo conforto”, “desonesta”, “traidora de toda confiança”, e “assassina de sua prima”, entre outras coisas. Já ao se referir a Mary Stuart, Austen a qualifica como “adorável”, “nobre”, “inocente”, e afirma que suas “pretensões, mérito e beleza” eram muito superiores aos das outras rainhas da época.

Pelo ponto de vista histórico, Elizabeth e Mary eram primas e rivais. A primeira era anglicana, rainha da Inglaterra e não possuía herdeiros, enquanto a segunda era católica, tinha pretensões ao trono inglês e um filho homem. Após diversas acusações de traição, e de possível participação no assassinato de seu marido, Mary abdicou ao trono escocês em favor de seu filho de um ano Jaime VI – que depois seria também Jaime I da Inglaterra – e foi presa. Quando conseguiu escapar da prisão, fugiu para a Inglaterra, onde foi buscar o apoio da prima Elizabeth para retomar o trono da Escócia. Além de não ajudar Mary, Elizabeth a manteve prisioneira por cerca de 19 anos, ao término dos quais Mary Stuart foi decapitada. O ódio da jovem Jane Austen em relação a Elizabeth I, portanto, originou-se dessa rivalidade entre as duas rainhas, que resultou na execução da favorita de autora.

Por fim, a terceira parte da “História da Inglaterra” se passa durante os reinados iniciais da Dinastia Stuart, ou seja, no período dos reis escoceses Jaime I e Carlos I, respectivamente o filho e o neto de Mary Stuart. Nesta parte final, Austen continua defendendo Mary e seus descendentes, e destratando todos os que fossem contra eles. Afinal, além de simpatizarem com os católicos, os dois reis foram considerados péssimos governantes, com o segundo sendo inclusive deposto e executado, durante a Guerra Civil inglesa, liderada por Oliver Cromwell.

1.2 Contexto Histórico da Obra

Quando lemos a biografia de algum autor famoso, é muito comum notarmos o quanto as suas histórias são influenciadas pelos acontecimentos de suas vidas pessoais. No caso de

Austen, isto não deixa de ser verdade. Jane Austen nasceu no dia 16 de dezembro de 1775, em uma pequena aldeia rural no condado de Hampshire, na Inglaterra. Seus pais eram George Austen, um reitor da paróquia anglicana de Steventon, e Cassandra Leigh, ambos parte da sociedade gentil³ do sul da Inglaterra. Jane tinha seis irmãos e uma irmã; sobre eles, Austen-Leigh afirma que a "carreira honrosa de seus dois irmãos mais novos explica a parcialidade de Jane Austen para com a Marinha, bem como a prontidão e precisão com que ela escreveu sobre isso"⁴ (AUSTEN-LEIGH, 2009, p. 25). Com isso, fica claro o quanto Jane, em sua vida adulta, apenas escreveu sobre o que ela sabia – ou seja, o quanto sua vida pessoal influenciou os seus escritos. Por exemplo, Austen não se arriscava a escrever sobre a aristocracia nem sobre os criados – seus personagens pertenciam unicamente à classe da pequena nobreza rural, na qual ela nasceu e pertenceu durante toda a vida. Em relação a profissões, como podemos ver, o mesmo ocorre: Austen nunca descreveu advogados ou médicos; as ocupações de seus personagens sempre têm algo a ver com a marinha ou com a igreja, assim como a de seu pai e a de seus irmãos.

Durante sua infância, também de acordo com seu primeiro biógrafo, Jane Austen aproveitou todas as oportunidades disponíveis de instrução. Ela certamente gostava de treinar sua mente com as visões e opiniões das pessoas da variada sociedade que a rodeava (cf. AUSTEN-LEIGH, 2009). É possível ver que, por este meio, Austen começou a criar personagens – afinal, o número de histórias criadas por ela ao alcançar a idade de dezesseis anos já era extenso. Contudo, um aspecto importante desses contos da juventude de Austen é que eles “eram geralmente burlescos, ridicularizando os acontecimentos improváveis e os sentimentos exagerados que ela lia em diversos romances tolos”⁵ (AUSTEN-LEIGH, 2009, p. 61).

Assim como na “História da Inglaterra”, nestes contos Austen não buscava apresentar uma descrição realista da sua sociedade, mas sim caricatural. Na verdade, é como se estivesse escrevendo sátiras, assim como *Northanger Abbey*, porém sem qualquer traço de sutileza ou delicadeza. No entanto, o que seus romances mais maduros e suas obras juvenis têm em comum é o fato de que todos descrevem certos aspectos de algum tipo de pessoa ou sociedade. Portanto, apesar de Austen ter crescido e evoluído, parando de demonstrar suas opiniões tão abertamente

³ “Gentil”, neste caso, vem do inglês “Gentry”. Ou seja, é um termo utilizado para se referenciar a pessoas de boas posições sociais, estando logo abaixo da nobreza em posição e nascimento. No caso específico da Inglaterra, a “landed gentry” era uma classe constituída por aqueles que conseguiam viver da renda de suas terras.

⁴ Tradução minha do original: “honorable career accounts for Jane Austen’s partiality for the Navy, as well as for the readiness and accuracy with which she wrote about it”.

⁵ Tradução minha do original: “were generally burlesques, ridiculing the improbable events and exaggerated sentiments which she had met with in sundry romances”.

em seus romances posteriores, é possível ver que esse seu uso de humor e sarcasmo a acompanhou desde as primeiras tentativas de escrever.

Em seus romances, Austen cria uma história e utiliza acontecimentos e aspectos de sua vida para criar personagens e situações, ao passo que em “História da Inglaterra” ela está simplesmente retomando fatos históricos e acrescentando seus pontos de vista específicos. Portanto, a maneira como sua vida pessoal aparece neste trabalho é através de citações sobre amigos e parentes – por vezes, acompanhados de suas opiniões individuais, e uma explicação de como ela concorda ou discorda deles. Por exemplo, ao falar sobre Mary Stuart, rainha da Escócia, a personalidade preferida da jovem Austen, ela afirma:

Oh! O que essa encantadora princesa, cujo único amigo então era o Duque de Norfolk, e cujos únicos agora são o Sr. Whitaker, a Sra. Lefroy, a Sra. Knight e eu própria; que foi abandonada pelo filho, confinada pela prima, maltratada, criticada e difamada por todos; o que a sua muito nobre mente deve ter sofrido quando informada que Elizabeth havia ordenado sua morte! (AUSTEN, 2011, p. 122)

De acordo com James Edward Austen-Leigh, “dentre os vizinhos mais valiosos dos Austen encontravam-se o Sr. e a Sra. Lefroy e a família deles”⁶ (AUSTEN-LEIGH, 2009, p. 63). Além disso, Jane e a Sra. Lefroy eram especialmente íntimas, com a última sempre incentivando a primeira – o que é claramente compreensível, devido a suas opiniões semelhantes em defender e gostar da mesma rainha estrangeira. Quando a Sra. Lefroy morreu, caindo de um cavalo no dia do aniversário de Jane, a escritora redigiu um afetuoso poema em sua memória, mostrando aos seus leitores dos dias atuais o quanto ela gostava da amiga e a admirava. Como podemos ver, a vida pessoal e os amigos de Austen também influenciaram a sua “História da Inglaterra”, no sentido de que a ajudaram a formar suas opiniões, que depois seriam espalhadas pela obra.

Todos os romances de Jane Austen se passam durante o período da Regência da Inglaterra. Esse nome se deve aos anos em que o rei titular da Inglaterra, George III – que sofria de porfiria – se encontrava sem condições de governar o país, sendo por isso substituído pelo príncipe regente. (cf. FUNCK, 2013) A crítica e biógrafa Deirdre Le Faye, autora especializada em estudos de Jane Austen, no livro de 2002 intitulado *Jane Austen: The World of Her Novels*, explica como a escritora se insere no Período Regencial. Austen nasceu em 1775, no trigésimo sétimo ano do reinado de George III. No ano de 1811, quando o rei fica incapacitado e inicia o

⁶ Tradução minha do original: “amongst the most valuable neighbors of the Austen’s were Mr. and Mrs. Lefroy and their family”.

período da Regência, Austen já tem trinta e seis anos de idade. Como Austen morre em 1817, apenas durante seis anos de sua vida ela participou desse momento histórico. Todavia, aqueles foram os anos mais importantes da carreira da autora, quando todos os romances canônicos foram publicados (dois deles postumamente). O rei George III sobreviveu a Austen ainda por dois anos (cf. LE FAYE, 2002). Além disso, durante a vida de Austen ocorreram as Guerras Napoleônicas, entre 1803 e 1815, cujos ecos soam muito claramente nos romances da autora. As relações entre a Inglaterra e a França eram turbulentas, fato registrado tanto na *Juvenilia* quanto nos romances maduros. Essas guerras afetaram inclusive várias tradições da classe da *Rural Gentry*, como viajar para outros países, sem falar no rombo na economia provocado pelas guerras. (cf. LE FAYE, 2002).

Assim, a movimentação social dos romances de Austen retrata a vida da pequena aristocracia rural do país, da qual a autora era membro. Esses textos apresentam a vida dos pequenos e médios proprietários rurais, cujos bens eram transmitidos pelo lado masculino da linhagem familiar, e que viviam do arrendamento de suas terras. Já em sua pequena resenha sobre a história da Inglaterra, por outro lado, Austen trata sobre a vida dos grandes nomes da alta aristocracia, e emite julgamentos de valor a seu respeito. Como a própria autora indiretamente escreveu no subtítulo, sua obra cobre o período que vai de 1399 (ano em que Henrique IV é empossado) até 1649 (quando Carlos I é executado). Em outras palavras, enquanto seus romances famosos são definidos por um período de menos de 10 anos e dentro do tempo histórico no qual Austen vivia, esta curta obra cobre cerca de 250 anos. Até por esse motivo, Austen não descreve a sociedade com tanta precisão e cuidado em “História da Inglaterra” quanto o faz em seus romances. O aspecto importante de se observar, portanto, é a ideia de escrever sobre eventos que ocorreram séculos antes de ela ter nascido, mas com a mentalidade de uma menina do século XIX. Essa técnica de anacronismo proposital já era marcante na obra de Shakespeare, quando Romeu e Julieta, da Itália do Século XI, Macbeth da Escócia do Século X, ou Hamlet, da Dinamarca do século X todos se comportavam de acordo com as convenções inglesas elisabetanas. Austen utiliza esses anacronismos abundantemente na *Juvenilia*.

O historiador Stephen Greenblatt, no seu conceito de “poética cultural”, defende a ideia de que uma obra de arte é o produto de uma negociação entre um criador e as instituições e práticas da sociedade (cf. GREENBLATT, 1989). Portanto, mesmo que a “História da Inglaterra” se passe num período de mais de 125 anos antes do nascimento de Austen, ela também deve ser analisada considerando o Período Regencial inglês.

Nos romances de Austen podemos ver esses efeitos das Guerras Napoleônicas sobre as vidas dos personagens. O caso em que isso fica mais transparente é o de *Persuasion*. Nesta obra, as vidas de praticamente todos os personagens são completamente afetadas pelas Guerras. A protagonista, Anne Elliot, é apaixonada pelo capitão Wentworth, que, antes de a história narrada no romance começar, era um homem pobre, sem fortuna ou conexões que o recomendassem. Com o tempo, ele se tornou muito rico e honrado graças ao seu papel decisivo na marinha, lutando contra os franceses e salvando seu país. Ou seja, se ele não tivesse enriquecido devido às Guerras, os dois provavelmente não teriam ficado juntos ao final do romance.

No caso da “História da Inglaterra”, a situação é um pouco diferente. Os acontecimentos narrados dentro da obra não parecem diretamente influenciados pelo período histórico no qual Austen vivia, uma vez que as figuras e os fatos históricos aconteceram pelo menos 150 anos antes do tempo de Austen. No entanto, os pontos de vista e as opiniões da autora em relação a essas histórias e personalidades é que são influenciados pelo mundo do Período Regencial. Provavelmente ela só é capaz de idolatrar Mary, a Rainha da Escócia, dessa forma, porque ela não está vivendo dentro da Inglaterra do século XVI, onde Elizabeth era considerada a Rainha Virgem, a Rainha das Fadas, e adorada por todos os seus súditos.

No entanto, as opiniões de Austen eram um tanto estranhas e incomuns, mesmo para a época em que vivia, como ela mesma admite ao longo de seu texto. Afinal, a maioria dos ingleses prefere, e sempre preferiu, monarcas inglesas a estrangeiros. Portanto, se a época em que Austen viveu influenciou seu trabalho, foi mais no sentido de poder pensar e formar uma opinião própria sobre os fatos históricos, do que no sentido de concordar com o que geralmente se pensava em seu tempo.

Além disso, em sua “História da Inglaterra”, os personagens principais são profundamente afetados pelo período de tempo em que viveram – uma vez que todos eles são reis ou rainhas. Portanto, Austen usa outra tática para trazer o final do século XVIII – isto é, o tempo em que vivia: ela insere a sua vida pessoal e a de seus amigos no texto. Entre eles, Jane por acaso considera um marinheiro como nacionalmente importante para o futuro da Inglaterra. Podemos ver sua opinião clara no seguinte trecho da "História da Inglaterra":

Apesar de grandioso, e justamente celebrado como marinheiro, não posso evitar prever que ele será igualado neste século ou no próximo por alguém que, embora ainda muito novo, já promete responder às expectativas ardentes e sanguíneas dos seus parentes e amigos, entre os quais posso incluir a amável dama a quem este trabalho é dedicado, e a minha própria não menos amável pessoa. (AUSTEN, 2011, p. 123)

Embora a jovem Jane Austen não fosse capaz de prever o futuro, ela conhecia a grande importância da marinha em seu país, que está rodeado por água. Ou seja, ela também tinha a noção de que este marinheiro – algum de seus dois irmãos, Francis ou Charles Austen, que depois seguiram na profissão da marinha até tornarem-se almirantes –, caso continuasse fazendo um bom trabalho em sua profissão, seria muito bem-sucedido e se tornaria uma parte essencial da história da Inglaterra de seu tempo.

Outro fato interessante, voltando à questão dos anacronismos, é que a “História da Inglaterra” de Austen está repleta de referências a romances, peças de teatro e textos da época em que a autora vivia. Por exemplo, em mais de uma ocasião ela cita obras de Shakespeare, como *Henrique IV Parte 1*, *Henrique IV Parte 2*, e *Henrique V*, muito famosas até os dias de hoje por retratarem, de forma ora cômica, ora trágica, as vidas e os feitos de certas figuras da monarquia inglesa. Mas, além de Shakespeare, Austen também faz comentários e até mesmo compara personagens de sua “História da Inglaterra” aos de outras obras. Frederick Delamere, por exemplo, é um personagem do livro *Emmeline: The Orphan of the Castle* – publicado em 1788 por Charlotte Turner Smith – citado mais de uma vez, e comparado ao personagem histórico Robert Devereux, Conde de Essex:

Esse lastimável jovem não era diferente em caráter do que aquele igualmente lamentável Frederic Delamere. O paralelo pode ser levado ainda mais longe; e Elizabeth, o tormento de Essex, pode ser comparada à Emmeline, de Delamere. Seria interminável a narrativa das desventuras desse nobre e galante conde. (AUSTEN, 2011, p. 124)

Assim, pode ficar difícil para um leitor brasileiro do século XXI compreender o que Austen quis dizer com a passagem, visto que está fortemente interligada com os costumes e as referências do século no qual a autora vivia. No romance mencionado, Delamere deseja casar-se com o personagem Emmeline, que, por sua vez, sempre recusa, transtornando-o. O paralelo é traçado, então, visto que Elizabeth I, a rainha Virgem, jamais poderia se casar com Robert Devereux, embora fossem amantes.

Por fim, outra obra da época de Austen bastante importante para a compreensão do humor aplicado por Austen em “História da Inglaterra” é o romance erótico *Fanny Hill* (1748), escrito por John Cleland. Em certo ponto de sua obra, Austen faz a seguinte charada com a palavra “carpete”: “o meu primeiro é o que o meu segundo foi para o Rei Jaime I, e você pisa no meu todo” (AUSTEN, 2011, p. 126). No romance erótico, uma passagem notória é a de um

homem velho tendo relações sexuais com outro mais jovem em cima de um tapete. Com isso, Austen refere-se discretamente aos boatos de que o rei Jaime I seria homossexual, e teria mantido relações com o político Robert Carr, como ela menciona logo após sua charada.

Ou seja, assim como as características da Inglaterra do Período Regencial estão presentes nas obras maduras de Austen, elas também são visíveis em seus primeiros trabalhos, cujo principal objetivo é discutir a história dos reis e rainhas que viveram de dois a quatro séculos no seu passado. Afinal, por ser muito mais uma resenha do que um livro de história, a jovem Austen associa muitos fatos e características de sua própria época e vida pessoal dentro do texto.

1.3 Uso do Humor

Austen usava humor em seus textos desde uma idade muito tenra. Na verdade, quanto mais jovem ela era, menos discreto e mais vulgar era o seu uso do humor. Sendo assim, em sua “História da Inglaterra”, Austen é muito severa ao descrever os personagens históricos dos quais ela não gosta. A rainha Elizabeth I, por exemplo, que geralmente é muito bem-quista entre os ingleses, é severamente retratada e arduamente criticada pela Jane Austen de 15 anos. Mais de uma vez ela é descrita de formas semelhantes a esta aqui: "a destruidora de todo o conforto, a traidora enganadora de toda confiança depositada nela, e a assassina de sua prima" (AUSTEN, 2011, p. 120).

Em trabalhos posteriores, Austen deixou de ser tão direta e desenvolveu uma técnica na qual ela não precisava descrever e criticar diretamente os personagens: eles se apresentariam como as figuras cômicas que representavam, a partir de suas próprias falas e diálogos. Quatro exemplos desse tipo de personagem são a Sra. Bennet, o Rev. Collins, Mary Bennet e Lydia Bennet, em *Pride and Prejudice*. De acordo com John Lauber, esses personagens são tolos, e "é característico do tolo – e acrescenta ao prazer cômico dos romances – que ele é orgulhoso de sua loucura – ele insiste em se exibir"⁷ (LAUBER, 1974, p. 516).

O baile em Netherfield, em *Pride and Prejudice*, é outro exemplo de uma situação na qual todos esses personagens tolos se exibem por conta própria. O Sr. Collins aproxima-se de Darcy mesmo sem conhecê-lo, apenas para se gabar de si mesmo e de sua relação com Lady Catherine de Bourgh e seus deveres como clérigo nas terras da referida Lady. A Sra. Bennet está exibindo-se exageradamente pelo eminente casamento entre sua filha mais velha e um homem rico. Mary expõe com muito orgulho sua voz fraca desafinada e suas maneiras afetadas

⁷ Tradução minha do original: “it is characteristic of the fool, and adds to the comic delight of the novels, that he is proud of his folly – he insists on exhibiting himself”.

ao cantar e tocar piano. E Lydia humilha-se enquanto dança e flerta com todos os homens solteiros disponíveis. Dessa forma, Lauber nos mostra que "ignorando os sentimentos e as respostas dos outros [...], o tolo não hesita em se exhibir ou em prolongar a exposição o mais longe possível"⁸ (LAUBER, 1974, p. 516). Esses poucos exemplos indicam como a Austen adulta costumava criar personagens e situações cômicas em seus romances.

Outra técnica para produzir humor usada nas obras de Austen são os comentários sarcásticos de seus personagens mais inteligentes e espirituosos. Na primeira metade de *Pride and Prejudice*, a protagonista, Elizabeth Bennet, está sempre fazendo comentários engraçados e sarcásticos, especialmente com relação ao Sr. Darcy, a fim de criticá-lo e menosprezá-lo. Ao escrever sobre as conversas entre Elizabeth e Darcy, Candace Nolan-Grant afirma que:

As ironias nas conversas não registradas que são deixadas para que o leitor aprecie: o apego de Elizabeth ao contexto continua a escorregar de suas mãos, ela não consegue enxergar humor nas estranhas atenções, perguntas e alusões de Darcy; e Darcy, que pensa que a subversão é um flerte, não consegue apreciar a perversidade⁹ (NOLAN-GRANT, 2009, p. 875).

Na medida em que Elizabeth Bennet amadurece, seu sarcasmo diminui e ela começa a compreender que a interpretação dos fatos pode mudar quando eles são observados por outras perspectivas. Quando isso acontece, o sarcasmo de Lizzy Bennet diminui e suas impressões ganham em profundidade psicológica e em complexidade. Esse amadurecimento do personagem deste romance pode ser comparado às técnicas de humor utilizadas pela Austen jovem e pela Austen madura.

O papel do humor nas obras de Austen, desde as que ela escreveu quando criança até seus romances completos e mais maduros, sempre foi o de criticar algum aspecto que ela não aprovava, fosse no comportamento humano ou na sociedade em geral. Em seus romances, alguns de seus personagens se humilhavam diante de outras pessoas - e diante de nós, leitores - sem sequer perceber, enquanto outros usavam sua inteligência e perspicácia para fazer comentários mordazes e criticar pessoas, mesmo que de uma forma sutil e discreta.

Mas em "História da Inglaterra", por outro lado, os personagens não foram criados por Jane Austen, e eles não possuem falas, uma vez que não são personagens de um livro de

⁸ Tradução minha do original: "unaware of the feelings and responses of others [...], the fool has no hesitation in displaying himself or in prolonging the exhibition as far as possible".

⁹ Tradução minha do original: "the ironies in the unrecorded conversations that ensue are left to the reader to enjoy: as Elizabeth's grasp of the context continues to slip from her, she cannot find humor in Darcy's strange attentions, questions, and allusions; and Darcy, who thinks subversion is flirtation, cannot appreciate the perversity".

histórias propriamente dito. Nesse caso, Austen é a responsável por zombar das figuras históricas, a fim de mostrar seu desrespeito a elas. Faz isso de uma maneira aberta e direta, sem nem ao menos se preocupar por estar sendo descortês ou politicamente incorreta. Sendo assim, ela própria faz uso de sarcasmo ao fingir ser uma tola: ela escreve sobre os fatos históricos como se fosse uma jovem inocente e não soubesse a verdade por trás deles, quando, na realidade, está sendo sarcástica. Por exemplo, quando fala sobre Henrique VIII, acusando-o de diversos crimes e crueldades, a jovem Austen afirma:

Nada pode ser dito em sua defesa, apenas que sua decisão de abolir as Casas Religiosas e de abandoná-las às desastrosas depredações do tempo foi de infinita utilidade para a paisagem da Inglaterra no geral, o que provavelmente tenha sido o seu principal motivo ao fazer tal coisa. (AUSTEN, 2011, p. 117).

Neste caso, Austen está perfeitamente ciente de que a razão para o rei abolir as casas religiosas e criar a religião anglicana não tinha absolutamente nada a ver com uma busca pela melhoria da paisagem inglesa. Portanto, ela está sendo sarcástica; está apenas fingindo ser uma tola que não entende nada sobre história ou política, com o objetivo de aumentar o tom humorístico em sua sátira.

Ao falar sobre os crimes cometidos por Ricardo III, Austen novamente faz uso dos seus absurdos:

Foi, de fato, certamente afirmado que ele matou seus dois sobrinhos e sua esposa, porém também foi declarado que ele não matou os seus dois sobrinhos, e nisso eu estou inclinada a acreditar como sendo verdade; e, se este é o caso, também pode ser afirmado que ele não matou a sua esposa, pois, se Perkin Warbeck realmente era o Duque de York, por que Lambert Simnel não poderia ser a viúva de Ricardo?" (AUSTEN, 2011, p. 114)

Historicamente, tanto Perkin Warbeck quanto Lambert Simnel foram impostores que cobiçavam o trono Inglês durante o reinado de Henrique VII. Caso fossem quem afirmavam ser, teriam mais direito ao trono do que o próprio rei da época. Porém, ambos os impostores foram logo descobertos e desmascarados. Então, a fim de defender o Rei York Ricardo III, a jovem Austen fez um malabarismo com a identidade dessas pessoas mencionadas. O resultado obtido é absurdo, não faz sentido nenhum! Porém, por ser absurdo, é engraçado, e Austen consegue defender seu rei e ficar com a palavra final, como desejado.

Outro exemplo semelhante é a frase final do texto de Austen, quando conclui dando argumentos para defender o rei Carlos I das acusações de ser um monarca ruim. Ela afirma: "Isso, eu acho, não é difícil de ser feito, pois com um argumento eu tenho certeza de satisfazer

todas as pessoas sensatas e bem dispostas, cujas opiniões foram devidamente guiadas por uma boa educação - e esse argumento é que ele era um STUART "(AUSTEN, 2011, p. 128).

Mesmo que ao longo de sua "História da Inglaterra" seja possível ver que Austen realmente tinha uma preferência pelos reis e rainhas Stuart, ela nunca seria tão ingênua, tão tola a ponto de resumir todas as defesas de Carlos em "ele era um Stuart ". A razão para ela terminar sua História da maneira que ela o fez foi justamente para que a obra soasse divertida ao ser lida em voz alta para sua família e amigos. Todo mundo gargalharia, ou até mesmo entraria em uma discussão política e histórica, o que seria muito recompensador para a jovem Austen. Embora ela declare durante toda a História que sua opinião é a única que será mostrada, o objetivo principal é sempre fazer com que as pessoas riam. Portanto, neste trabalho em que não há personagens para ela criar, Austen se torna as personalidades trabalhadas sarcásticas e tolas.

2 SOBRE A TRADUÇÃO

O segundo capítulo deste trabalho apresenta comentários sobre minhas escolhas tradutórias, a fim de explicar as principais decisões tomadas, com base no modelo proposto por Nord (2005). Em seguida, vem a minha tradução da “História da Inglaterra”, a fim de que o leitor se familiarize com o texto. E, por fim, trago os comentários de trechos específicos, nos quais explico e dou exemplos das minhas dificuldades e soluções.

2.1 Comentários Gerais sobre a Tradução

Traduzir para o português brasileiro o texto “The History of England”, da autora britânica Jane Austen, é uma tarefa bastante complicada e desafiadora. Dentre os motivos para tal, há o fato de que o texto foi escrito há mais de 200 anos, em um país com história e cultura diferentes da nossa, e quando a escritora do texto tinha apenas 15 anos de idade, como já foi previamente comentado, explicado e exemplificado neste trabalho. Assim, a partir desses desafios iniciais, vários outros vão surgindo, tornando tanto a leitura quanto a tradução do texto um processo bastante trabalhoso, porém, ao mesmo tempo, dinâmico e divertido.

De acordo com a tradutora alemã Christiane Nord:

A tradução é a produção de um texto-alvo funcional, mantendo uma relação com um determinado texto de origem, que é especificado de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (tradução de skopos). A tradução permite que ocorra um ato comunicativo que, devido às barreiras linguísticas e culturais existentes, não teria sido possível de outra forma.¹⁰ (NORD, 2005, p. 32).

Ou seja, na minha tradução não levei apenas o texto original em consideração, mas todo o contexto que o envolvia, bem como o público alvo para o qual ele estaria sendo traduzido. Para Nord, esse contexto envolve “a função”, “os destinatários”, “o tempo e espaço da recepção do texto”, “o meio” e “o motivo”¹¹. Dessa forma, o texto original fora escrito com a função de divertir a família de Austen, enquanto a jovem escritora mostrava seus posicionamentos políticos de forma satírica. A minha tradução, por outro lado, foi feita com o objetivo de mostrar

¹⁰ Tradução minha do original: “translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation skopos). Translation allows a communicative act to take place which because of existing linguistic and cultural barriers would not have been possible without”.

¹¹ Tradução minha do original: “the intended text functions”, “the addressees”, “the time and place of text reception”, “the medium” e “the motive”.

como essa famosa escritora começou desenvolvendo suas técnicas na escrita de humor quando ainda era jovem.

Seguindo essa mesma lógica, então, os destinatários do texto original seriam os parentes e amigos próximos da Austen de 15 anos, que viviam no interior do Sul Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX; assim, todos eles já eram familiarizados com os tipos de ideias da escritora, bem como com as referências específicas a obras e situações que ela faz ao longo de seu texto. Já os receptores da tradução são leitores brasileiros do século XXI, com mentalidades, conhecimentos e estilos de vida bastante distintos daqueles receptores do texto original. Assim, para uma melhor compreensão do meu texto traduzido, muito precisava ser explicado, fosse no próprio corpo da obra ou em notas informativas de rodapé.

O meio no qual o texto original foi produzido eram folhas de papel, juntamente com desenhos aquarela representando cada um dos principais monarcas mencionados. Ou seja, não era um texto impresso e encadernado, para ser vendido e compartilhado amplamente, assim como ocorreria depois com outras obras da escritora. A tradução do texto, por outro lado, foi feita agora, num período em que Austen já é extremamente famosa e relevante. Assim, mesmo que o texto escrito por ela quando adolescente não tivesse tido nenhuma repercussão na época em que foi produzido, a sua tradução poderia ter, pois foi produzida justamente para ser divulgada, agora que a escritora já é consagrada.

Sendo assim, o motivo para a tradução foi divulgar esse texto pouco conhecido e estudado, que faz parte da *Juvenilia* de Austen, entre os leitores brasileiros do século XXI, em uma época em que os romances da autora estão fazendo mais sucesso do que nunca. Ou seja, o motivo da tradução é bem diferente do motivo que a autora tinha ao escrever o texto original. Logo, as escolhas feitas na tradução também devem ser distintas das escolhas feitas no texto original.

Tendo em vista, então, a função, o público, o meio e o motivo da tradução de “The History of England”, um grande desafio inicial foi o de traduzir para o português o uso que Austen fazia da língua inglesa aos seus 15 anos de idade. A autora, muito conhecida por seu domínio da língua inglesa e por escrever com sutileza e ironia, ainda estava desenvolvendo as suas técnicas no ano de 1791. Logo, seus textos da *Juvenilia* são repletos de erros gramaticais, e possuem algumas sentenças muito grandes e/ou muito desorganizadas esteticamente, fazendo o sentido de seus escritos um pouco difícil de ser compreendido.

No meio em que Austen escreveu o texto, e com o propósito que ela tinha, esses erros eram de pouca significância. Contudo, a minha tradução da obra foi feita com objetivos diferentes. Logo, ao traduzir, eu ignorei os erros gramáticas – que, por sua vez, já são muitas

vezes corrigidos pelos próprios editores que decidem publicar o texto original em inglês no formato de livro. Além disso, dividi alguns parágrafos que eram grandes demais, a fim de manter um ritmo de leitura mais agradável ao leitor brasileiro, menos acostumado com parágrafos tão longos. Também reorganizei ou inverti a ordem de algumas sentenças muito extensas ou muito confusas, para que a leitura ficasse mais clara na língua portuguesa. Afinal, o leitor brasileiro já se depara com muitas informações novas ao ler esse texto sobre a história da Inglaterra, então considerei que facilitar a compreensão dessas informações, mesmo que mudando a ordem das sentenças escritas originalmente por Austen, era uma escolha válida.

Apesar dessas diferenças entre as línguas tornarem o processo de tradução bastante árduo, no caso desta obra de Jane Austen o mais difícil foi compreender e passar para o português as suas referências e as sutilezas do seu sarcasmo. Afinal, esse texto não é complicado apenas para leitores brasileiros, mas também para qualquer público não familiarizado com a história da Inglaterra e algumas de suas referências culturais.

Por ser uma historiadora “ignorante e preconceituosa”, como ela própria se autodenomina, Austen não dá explicações sobre os fatos históricos mencionados em seu texto – ela apenas acusa e defende os personagens de quem ela gosta ou não gosta de cada parte diferente da história. Logo, se o público leitor não tem um conhecimento prévio sobre quem são as figuras históricas, o que elas fizeram e por que são importantes, não é possível compreender o texto escrito por Austen. Por esse motivo, optei por realizar uma tradução anotada, oferecendo diversas notas de rodapé escritas por mim, explicando os eventos históricos menos conhecidos entre os que ela cita e/ou comenta. Além disso, também trago notas de rodapé explicando sobre as referências e comparações humorísticas feitas por Austen a muitas peças, livros e obras, no geral, que eram bastante famosas em sua adolescência, mas que não são mais tão conhecidas nos dias de hoje.

Da mesma forma, Austen utiliza sarcasmo para se referir a personagens e a situações históricas, deixando o texto bastante confuso e de difícil compreensão para um público não acostumado. Ou seja, o leitor não se pode deixar levar por tudo o que a autora escreve, visto que muitas das afirmações feitas por ela estão erradas, e foram escritas por Austen com a consciência de estarem erradas. Logo, na minha tradução, eu tentei manter o máximo desse tom de deboche. Afinal, mesmo que o público da tradução seja diferente do público original do texto – isto é, dos amigos e familiares de Jane Austen –, esse sarcasmo descarado é a parte mais importante da obra – muito mais do que o conteúdo em si presente nela.

2.2 A Obra Traduzida

Segue aqui, para ciência do meu leitor, o resultado da tradução realizada. O texto original utilizado por mim é o do depósito da Universidade de Chicago, que pode ser acessado através do endereço eletrônico < <http://penelope.uchicago.edu/austen/austen.html>> (Último acesso em 11/01/2018). O fac-símile do manuscrito original pode ser acessado através do endereço <https://www.pinterest.co.uk/kaitlyn0103/jane-austen-the-history-of-england/>. (Último acesso em 11/01/2018).

Eis a tradução:

*História da Inglaterra:
do reinado de Henrique IV
até a morte de Carlos I,
por uma historiadora parcial,
preconceituosa e ignorante.*

*OBS.: Haverá muita poucas
datas nesta história.*

*Para a Sra. Austen, filha mais
velha do Reverendo George Austen,
este trabalho é dedicado com todo o
respeito pela Autora.*

Henrique IV



Henrique IV ascendeu ao trono da Inglaterra, fato que lhe deixou bastante satisfeito, no ano de 1399, após ter convencido o seu primo e antecessor, Ricardo II, a passar-lhe a coroa e a morar, pelo resto da vida, no Castelo de Pomfret, onde ele curiosamente foi assassinado. Supõe-se que Henrique foi casado, uma vez que ele certamente teve quatro filhos, mas não está em meu poder informar ao leitor quem foi a sua esposa. Seja como for, ele não viveu para sempre e, ao adoecer, seu filho, o Príncipe de Gales, veio e tomou a sua coroa; após o que, o rei fez um longo discurso, sobre o qual devo sugerir a leitura das peças de Shakespeare¹², e o príncipe fez outro ainda maior. Dessa forma, após as coisas se ajeitarem entre eles, o rei morreu, e foi sucedido por seu filho Henrique, que previamente derrotara Sir William Gascoigne¹³.

¹² N. T. (Todas as notas de rodapé são inserções da tradutora.) Austen está se referindo às peças *Henrique IV, Parte 1* e *Henrique IV, Parte 2*, escritas nos anos finais do século XVI, que integram a tetralogia dedicada à Guerra das Rosas: *Henrique IV* (parte 1), *Henrique IV* (parte 2), *Henrique V* e *Ricardo III*.

¹³ Sir William Gascoigne foi um Lorde Chefe de Justiça da Inglaterra e do País de Gales (nessa época o segundo maior juiz/ das cortes inglesas e galesas, atrás apenas do Lorde Chanceler) durante o reinado de Henrique IV. Existe o boato que Gascoigne condenou Henrique V (na época ainda Príncipe de Gales) à cadeia devido às más companhias do príncipe. Contudo, hoje em dia sabe-se que esta história não passa de ficção.

Henrique V

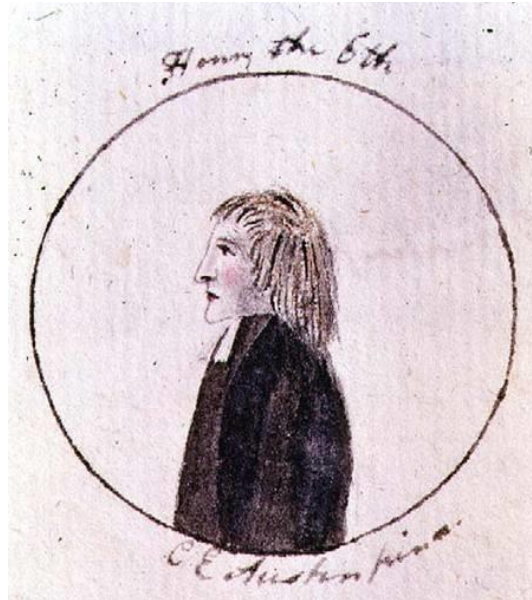


Esse príncipe, após assumir o trono, mudou de vida, tornando-se amável, abandonando todas as suas companhias pervertidas, e nunca mais agrediu Sir William. Durante seu reinado, Lord Cobham¹⁴ foi queimado vivo, mas não recordo por quê. Sua Majestade então voltou a atenção para a França, onde foi lutar na famosa Batalha de Azincourt. Depois disso, casou com a filha do rei, Catherine, uma mulher bastante agradável, segundo Shakespeare¹⁵. Apesar de tudo, entretanto, ele morreu, e foi sucedido por seu filho Henrique.

¹⁴ Lord Cobham, também conhecido como John Oldcastle, foi um líder do movimento político e religioso Lollardismo na Inglaterra. Ele era amigo de Henrique V, e por isso escapou muitas vezes de acusações de heresia. Contudo, foi capturado e queimado vivo após liderar rebeliões contra o rei.

¹⁵ Catherine de Valois, filha do rei Carlos VI da França, casou-se com Henrique V, e estes fatos são apresentados na peça *Henrique V*, de William Shakespeare.

Henrique VI



Não posso defender o bom-senso desse monarca. Nem defenderia, se pudesse, visto que ele era um Lancaster. Suponho que todos saibam sobre a Guerra¹⁶ que houve entre ele e o Duque de York, que, por sua vez, estava do lado certo; se não sabem, deveriam ler um pouco sobre história, pois eu não me prolongarei nesse assunto, pretendendo apenas expor minhas ideias contrárias, e mostrar o meu ódio a todos aqueles cujos partidos ou princípios não se enquadram com os meus, e não dando outras informações. Esse rei casou-se com Margaret de Anjou, uma mulher cujas aflições e infortúnios foram tão grandes que quase fazem com que eu, que a odeio, sinta pena dela. Foi durante esse reinado que Joana d’Arc viveu e provocou tamanha confusão entre os ingleses, que não deviam tê-la queimado – mas o fizeram. Houve várias batalhas entre os York e os Lancaster, nas quais os primeiros (visto que estavam do lado certo) geralmente venciam. Mas, com o tempo, eles foram inteiramente vencidos: o rei foi assassinado, a rainha foi mandada para casa e Eduardo IV ascendeu ao trono.

¹⁶ Austen se refere à Guerra das Rosas, que separou a Inglaterra entre as duas divisões da casa real Plantageneta, York (cujo símbolo é a Rosa Branca) e Lancaster (cujo símbolo é a Rosa Vermelha), no período entre 1455 e 1487.

Eduardo IV



Esse monarca foi famoso apenas pela sua beleza e coragem, das quais o retrato que aqui temos dele, e o seu comportamento destemido em se casar com uma mulher enquanto estava noivo de outra, são provas suficientes. Sua esposa foi Elizabeth Woodville, uma viúva que – pobre mulher! – foi posteriormente confinada em um convento por aquele monstro da injustiça e avareza, Henrique VII. Uma das amantes de Eduardo foi Jane Shore, que teve uma peça¹⁷ escrita sobre ela – porém, por ser uma tragédia, não merece ser lida. Tendo realizado todas essas nobres ações, Sua Majestade morreu e foi sucedida por seu filho.

¹⁷ Muitas peças foram escritas sobre Jane Shore. Porém, Austen está provavelmente se referindo à *The Tragedy of Jane Shore*, escrita por Nicholas Rowe em 1714, na qual a amante do rei é descrita como uma mulher muito amável.

Eduardo V

Esse pobre príncipe viveu por tão pouco tempo que ninguém desenhou um retrato dele. Foi assassinado por uma artimanha de seu tio, cujo nome era Ricardo III.

Ricardo III



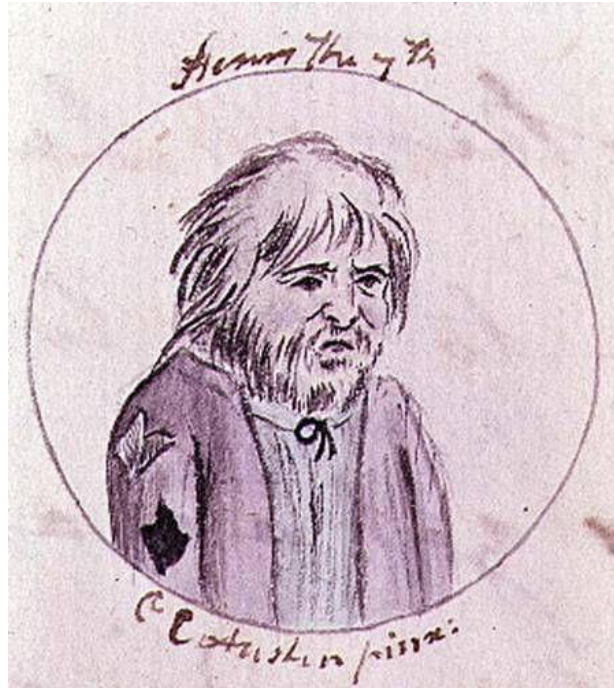
O caráter desse príncipe tem sido, de forma geral, muito severamente tratado pelos historiadores; mas, por ser um York, estou bastante inclinada a considerá-lo um homem muito respeitável. Certamente foi dito que ele matou seus dois sobrinhos e sua esposa, porém também foi afirmado que ele não matou seus dois sobrinhos, e nisso estou inclinada a acreditar como sendo verdade; e, sendo assim, também pode ser alegado que ele não matou sua esposa, pois, se Perkin Warbeck¹⁸ realmente era o Duque de York, por que Lambert Simnel¹⁹ não poderia ser a viúva de Ricardo?²⁰ Fosse inocente ou culpado, ele não reinou em paz por muito tempo, pois Henrique Tudor, Conde de Richmond, o maior vilão que já viveu, fez tamanho rebuliço para conseguir a coroa que, tendo matado o rei na batalha de Bosworth, acabou sucedendo ao trono.

¹⁸ Perkin Warbeck foi um impostor que buscava o trono inglês afirmando ser Ricardo de Shrewsbury, Duque de York. Ele constituiu uma ameaça à recém consolidada Dinastia Tudor devido à sua reivindicação ao trono como membro da Casa York; ainda muito apoiada por alguns nobres ingleses.

¹⁹ Lambert Simnel foi outro impostor que afirmava ser Eduardo Plantageneta, 17º Conde de Warwick.

²⁰ Aqui, Austen faz essa afirmação absurda com o objetivo de defender o rei da casa York, sua casa favorita. Contudo, ela mesma sabe que esta afirmação é impossível. Logo, seu principal objetivo é justamente fazer com que os outros se divirtam com tal afirmação absurda.

Henrique VII



Esse monarca, pouco após sua ascensão, casou-se com a Princesa Elizabeth de York; e, por essa aliança, ele claramente provou que considerava o seu próprio direito ao trono inferior ao dela, embora fingisse o contrário. Nesse casamento, ele teve dois filhos e duas filhas, e a mais velha entre as filhas casou-se com o Rei da Escócia e teve a felicidade de ser avó de uma das personalidades mais importantes do mundo. Porém, sobre ela eu terei ocasião de falar mais adiante. Já a filha mais nova, Mary, casou-se primeiro com o Rei da França e depois com Duque de Suffolk, com quem teve uma filha, que depois se tornaria a mãe de Lady Jane Grey – que, embora inferior à sua adorável prima, a Rainha da Escócia, ainda era uma amável jovem, famosa por ler em grego enquanto os outros caçavam.

Foi durante o reinado de Henrique VII que Perkin Warbeck e Lambert Simnel, mencionados anteriormente, apareceram: o primeiro foi preso na picota, abrigou-se na Abadia de Beaulieu e foi decapitado junto com o Conde de Warwick; e o segundo foi mandado para a cozinha do rei²¹. Sua Majestade morreu e foi sucedida por seu filho Henrique, cujo único mérito foi o de não ser tão horrível quanto a sua filha Elizabeth.

²¹ Henrique VII perdoou Lambert Simnel por ser um peão de apenas 10 anos de idade e deu-lhe trabalho na cozinha real, como operador da Roasting Jack, uma máquina responsável por girar a carne em um espeto.

Henrique VIII



Seria um insulto aos meus leitores supor que sejam menos familiarizados com as particularidades do reinado desse monarca do que eu mesma sou. Estarei, portanto, salvando-os da tarefa de ler novamente o que já leram antes, e me poupando do trabalho de escrever sobre o que não recordo perfeitamente, ao apenas fornecer um breve esboço dos principais eventos que marcaram o seu reinado. Entre esses, pode-se elencar o Cardeal Wolsey contando ao abade de Leicester, que “tinha vindo para depositar os seus ossos com eles”²², a Reforma na religião, e o rei cavalgando pelas ruas de Londres com Ana Bolena. É justo e é meu dever declarar que essa amável mulher era inteiramente inocente nos crimes dos quais foi acusada, e dos quais sua beleza, sua elegância e sua vivacidade são prova suficiente; sem mencionar seus solenes protestos de inocência, a fraqueza das acusações contra ela, e o caráter do rei: todas essas provas, embora talvez pequenas quando comparadas com as anteriormente alegadas a seu favor, confirmam a sua inocência.

Embora eu não forneça muitas datas, considero adequado mencionar algumas; e, é claro, como sou eu quem escolhe quais as mais necessárias para a informação do leitor, acho correto

²² A expressão ocorre originalmente na peça *Júlio César*, de Shakespeare.

comunicar que a carta de Ana ao rei foi datada no dia seis de maio. Os crimes e as crueldades desse príncipe foram numerosos demais para serem mencionados (como esta *História*, acredito eu, mostrou irrevogavelmente) – e nada pode ser dito em sua defesa, apenas que sua decisão de abolir as Casas Religiosas e de abandoná-las às desastrosas depredações do tempo foi de infinita utilidade para a paisagem da Inglaterra no geral, o que provavelmente tenha sido o seu principal motivo ao fazer tal coisa. Afinal, se não fosse esse o caso, por que um homem sem religião passaria tanto trabalho para abolir uma religião que era há anos consagrada no reino?

A quinta esposa de Sua Majestade foi sobrinha do Duque de Norfolk, mulher que, embora universalmente absolvida dos crimes que causaram a sua decapitação, muitos acreditam ter vivido uma vida desregrada antes do casamento – disso, entretanto, eu tenho as minhas dúvidas, visto que ela era parente do nobre Duque de Norfolk, o qual era favorável à causa da Rainha da Escócia e acabou sendo uma vítima dessa associação. A última esposa do rei conseguiu viver mais que ele, porém não por muito tempo. O rei foi sucedido por seu único filho homem, Eduardo.

Eduardo VI



Como o príncipe tinha apenas nove anos quando seu pai morreu, foi considerado por muitas pessoas jovem demais para governar; e, como acontece que o falecido rei era da mesma opinião, o irmão de sua mãe, o Duque de Somerset, foi escolhido como protetor do reino durante sua minoridade. No geral, esse homem tinha um caráter muito gentil e, até certo ponto, é um dos meus favoritos, embora eu jamais pretenda afirmar que ele se iguale àqueles de primeira linha²³, Robert Conde de Essex, Delamere ou Gilpin. Ele foi decapitado, fato pelo qual poderia, com razão, ter se orgulhado, soubesse ele que essa foi a mesma morte de Mary, Rainha da Escócia. Entretanto, como ele não podia saber algo que ainda não havia acontecido, parece que não sentiu nenhuma satisfação em particular quanto à maneira como morreu.

Após sua morte, quem ficou encarregado de cuidar do rei e do reino foi o Duque de Northumberland, tarefas que desempenhou tão bem que o rei acabou morrendo, e o reino foi deixado para a sua própria nora, Lady Jane Gray, já mencionada previamente como leitora de

²³ Robert Devereux, 2º Conde de Essex, foi um nobre inglês favorito da rainha Elizabeth I. Frederick Delamere é um personagem do livro *Emmeline: The Orphan of the Castle*, escrito por Charlotte Turner Smith e publicado em 1788. E Bernard Gilpin foi um influente clérigo e teólogo da Igreja Anglicana, tendo vivido durante os reinados de Henrique VIII, Eduardo VI, Lady Jane Grey, Mary I e Elizabeth I. Ou seja, todos esses homens eram considerados “favoritos” da jovem Jane Austen.

grego. Se ela realmente entendia a língua, ou se tal estudo provinha de um excesso de vaidade, uma característica que acredito ser marcante nela, é incerto. Qualquer que seja a causa, ela manteve, por toda a sua vida, a mesma pose de sabida, e um desdém por tudo aquilo que era considerado prazeroso pela maioria, visto que ela se declarou descontente em ser nomeada Rainha e, ao ser conduzida para o cadafalso, escreveu uma frase em latim e outra em grego ao ver o cadáver de seu marido por acaso passando pelo caminho.

Mary²⁴



Essa mulher teve a boa sorte de ser a primeira na linha de sucessão ao trono da Inglaterra, apesar das pretensões, do mérito e da beleza superiores de suas primas Mary, Rainha da Escócia, e Jane Grey. Eu nem consigo ter pena do reino pelos infortúnios que vivenciou durante o seu reinado, pois ele fez por merecer, uma vez que deixou que ela sucedesse o irmão, algo duplamente insensato, visto que poderia se prever que, como Mary morreu sem ter tido filhos, seria sucedida pela desgraça da humanidade, aquela peste da sociedade, Elizabeth.

Muitos foram os mártires da religião protestante durante o seu reinado; suponho que não menos do que meia-dúzia. Mary casou com Philip, o Rei da Espanha, que durante o reinado de sua irmã ficou famoso por construir armadas. Ela morreu sem herdeiros, e então chegou o terrível momento no qual a destruidora de todo conforto, a desonesta traidora de toda confiança depositada nela, e a assassina de sua prima, sucedeu ao trono.

²⁴ Quando Austen escreveu esta *História da Inglaterra*, no ano de 1791, ainda não havia as rainhas Mary II (que reinou juntamente com seu marido, William III) e Elizabeth II. Portanto, elas não eram nominadas como “as primeiras de seu nome”, visto que eram as únicas.

Elizabeth



Foi um infortúnio peculiar que essa mulher tenha tido ministros malvados – apesar de ela mesma ser maléfica, não poderia ter cometido tantas crueldades, a menos que esses homens vis e libertinos fossem coniventes e a encorajassem em seus crimes. Sei que muitas pessoas afirmam e acreditam que Lorde Burleigh, Sir Francis Walsingham e o resto daqueles que ocuparam posições nos principais gabinetes do Estado eram mercedores, experientes e capazes como ministros. Mas oh! O quão cegos tais escritores e tais leitores devem ser quanto ao verdadeiro mérito – mérito desprezado, negligenciado e difamado – se insistem em tais opiniões ao refletir que esses homens – esses alardeados homens – foram tão vergonhosos para o seu país e para o seu sexo a ponto de permitir e ajudar sua rainha no confinamento, pelo período de 19 anos, de uma mulher que – ainda que as reivindicações de relacionamento e mérito não fossem consideradas, ainda assim como rainha, e alguém que concordou em confiar na prima – tinha todo motivo para esperar auxílio e proteção; e ao final, consentiram que Elizabeth levasse essa amável mulher a uma morte prematura, imerecida e escandalosa. Pode alguém, se refletir apenas por um momento a respeito desta mancha, desta perpétua mancha, de entendimento e caráter de Lorde Burleigh e Sir Francis Walsingham, permitir que eles sejam louvados?

Oh! O que essa encantadora princesa, cujo único amigo então era o Duque de Norfolk, e cujos únicos agora são o Sr. Whitaker, a Sra. Lefroy, a Sra. Knight e eu própria; que foi abandonada pelo filho, confinada pela prima, maltratada, criticada e difamada por todos; o que a sua muito nobre mente deve ter sofrido quando informada que Elizabeth havia ordenado sua morte! Ainda assim, ela suportou tudo com a mais inabalável coragem: de mente firme; constante em sua religião; e se preparou para conhecer o cruel destino a que estava condenada com uma magnanimidade que por si só revela uma inocência consciente. E ainda assim, poderia você, leitor, acreditar possível que alguns protestantes endurecidos e entusiásticos até mesmo abusaram dela pela sua perseverança na religião católica, que lhe conferiu tanto crédito? Mas essa é uma prova marcante da pequenez de suas almas e dos julgamentos preconceituosos que proferem sobre ela.



Mary foi executada no Grande Salão do Castelo de Fortheringay (um local sagrado!), numa quarta-feira, dia oito de fevereiro de 1586 – para a eterna vergonha de Elizabeth, dos seus ministros e da Inglaterra no geral. Pode não ser descabido, antes de concluir o meu relato sobre essa desafortunada Rainha, observar que ela havia sido acusada de diversos crimes durante o período do seu reinado na Escócia, dos quais eu hoje asseguro ao meu leitor que ela era completamente inocente; nunca tendo culpa de qualquer coisa a mais do que as imprudências que a levaram a ser traída devido à franqueza de seu coração, sua juventude e sua educação. Tendo, confio eu, com essa afirmação, suprimido toda e qualquer suspeita ou dúvida que

poderia restar na mente do leitor devido ao que outros historiadores escreveram a respeito dela, prosseguirei o relato dos eventos restantes que marcaram o reinado de Elizabeth.

Foi por volta dessa época que Sir Francis Drake, o primeiro navegador inglês a velejar ao redor do mundo, viveu, tornando-se um emblema do seu país e da sua profissão. Apesar de grandioso, e justamente celebrado como marinheiro, não posso evitar prever que ele será igualado neste século ou no próximo por alguém²⁵ que, embora ainda muito novo, já promete responder às expectativas ardentes e sanguíneas dos seus parentes e amigos, entre os quais posso incluir a amável dama a quem este trabalho é dedicado, e a minha própria não menos amável pessoa.

Apesar de ter uma outra profissão, e de ser brilhante em uma esfera de vida diferente, embora igualmente notável no papel de Conde, como Drake foi no seu papel de marinheiro, temos Robert Devereux, Conde de Essex. Esse lastimável jovem não era diferente em caráter do que aquele igualmente lamentável Frederic Delamere. O paralelo pode ser levado ainda mais longe; e Elizabeth, o tormento de Essex, pode ser comparada à Emmeline, de Delamere.²⁶ Seria interminável a narrativa das desventuras desse nobre e galante conde. É suficiente afirmar que foi decapitado em 25 de fevereiro, após ter sido Lorde Tenente da Irlanda, após ter segurado sua espada nas mãos, e após ter desempenhado vários outros serviços por seu país. Elizabeth não sobreviveu a sua perda por muito tempo, e morreu de forma tão miserável que, não fosse isso um insulto à memória de Mary, eu sentiria pena dela.

²⁵ Aqui, Austen está se referindo a algum dos seus dois irmãos que seguiram a carreira na marinha, Frank Austen ou Charles Austen. No final, ambos alcançaram a posição de almirante.

²⁶ Ao longo de todo o romance, Delamere deseja se casar com Emmeline, que o recusa continuamente, transtornando-o. O mesmo pode ser dito a respeito da rainha Elizabeth I e do seu favorito, Robert Devereux, visto que eram amantes, porém jamais poderiam se casar.

Jaime I



Embora esse rei tenha alguns defeitos – dentre os quais, e como principal, ter permitido a morte da sua mãe –, considerando o todo, não consigo evitar de gostar dele. Casou-se com Anne da Dinamarca e teve vários filhos; felizmente para ele, o seu filho mais velho, Príncipe Henrique, morreu antes que ele ou seu pai pudessem ter experienciado os males que assolaram seu desafortunado irmão.

Como eu própria sou parcial para com a religião da Igreja Católica Apostólica Romana, é com imenso desconforto que me vejo forçada a criticar o comportamento de qualquer de seus membros: apesar de considerar a veracidade como sendo bastante dispensável para um historiador, sinto a necessidade de dizer que nesse reinado os católicos apostólicos da Inglaterra não se portaram como cavalheiros em relação aos protestantes. De fato, o comportamento deles para com a Família Real e as duas Casas do Parlamento pode justamente ser considerado muito agressivo, e até mesmo Sir Henrique Percy, embora certamente o homem mais educado do grupo, não demonstrava nada daquela cortesia geral que é tão universalmente agradável, já que suas atenções eram inteiramente dedicadas ao Lorde Mounteagle.

Sir Walter Raleigh prosperou nesse reinado e no anterior, e é por muitos considerado com grande veneração e respeito. Contudo, como ele foi inimigo do nobre Essex, nada tenho a dizer em seu louvor; por isso indico aos que desejam se familiarizar com as particularidades de

sua vida a peça *The Critic*, do Sr. Sheridan, na qual encontrarão várias anedotas interessantes tanto sobre ele quanto sobre seu amigo, Sir Christopher Hatton.

Sua Majestade tinha aquela disposição amável, que predispõe para amizade, e possuía uma percepção deveras aguçada para descobrir méritos, mais do que muitas outras pessoas possuíam. Uma vez escutei uma charada sobre um carpete, cujo assunto de agora me fez recordar, e, como acho que ela pode fornecer aos meus leitores algum divertimento ao solucioná-la, tomo aqui a liberdade de apresentá-la.

CHARADA: o meu primeiro é o que o meu segundo foi para o Rei Jaime I, e você pisa no meu todo.²⁷

Os favoritos principais de Sua Majestade foram Carr – que foi depois nomeado Conde de Somerset, e cujo nome talvez tenha alguma ligação com a charada mencionada acima – e George Villiers, posteriormente Duque de Buckingham. Na morte de sua Majestade, ele foi sucedido por seu filho Carlos.

²⁷ Com esta charada, a jovem Austen faz referência a uma notória passagem do romance erótico *Memoirs of Fanny Hill* (1748), escrito por John Cleland, na qual um homem velho tem relações sexuais com outro mais jovem. Em uma postagem do seu blog “Sharp Elves Society – Jane Austen’s Shadow Stories” (<http://sharpevessociety.blogspot.com.br/2013/02/jane-austens-carpet-sharade-on-james.html>), Arnie Perlstein explica que Austen usou essa charada para referir-se aos boatos de que Jaime I seria homossexual, e teria mantido relações com pelo menos três de seus cortesãos.

Carlos I



Esse amável monarca parece ter nascido para sofrer as mesmas desgraças de sua gentil avó: desgraças que ele não merecia, visto que era seu descendente. Certamente, nunca antes houve tantos personagens detestáveis ao mesmo tempo na Inglaterra quanto nesse período da história; nunca homens admiráveis foram tão escassos. O seu número, ao longo de todo o reino, somava apenas cinco – sem contar os habitantes de Oxford, que foram sempre leais ao seu rei e fiéis aos seus interesses. Os nomes desses cinco nobres que nunca esqueceram seus deveres como súditos, ou descuidaram dos seus vínculos com Sua Majestade, são os seguintes: o próprio rei, sempre firme em defesa de si mesmo, o Arcebispo Laud, o Conde de Strafford, o Visconde Faulkland, e o Duque de Ormond, que eram quase tão zelosos e diligentes na causa.

Por outro lado, os vilões dessa época comporiam uma lista muito longa para ser escrita ou lida. Devo, portanto, me contentar em mencionar apenas os líderes da gangue. Cromwell, Fairfax, Hampden, e Pym podem ser considerados os causadores originais de todos os distúrbios, aflições, e guerras civis nas quais a Inglaterra esteve por muitos anos envolvida. Nesse reinado, assim como no de Elizabeth, vejo-me obrigada, apesar do meu apego aos escoceses, a considerá-los tão culpados quanto os ingleses no geral, visto que ousaram pensar diferente do seu soberano; esqueceram da adoração que, por serem Stuarts, era devida a eles;

se rebelaram contra, destronaram, e prenderam a desafortunada Mary; e se opuseram, enganaram e venderam o não menos desafortunado Carlos.

Os eventos do reinado desse monarca são numerosos demais para a minha caneta; e, de fato, recitar quaisquer eventos (exceto os que me interessam) não é relevante para mim; as minhas razões principais para escrever esta *História da Inglaterra* são provar a inocência da Rainha da Escócia, o que me gabo de ter realizado muito bem, e insultar Elizabeth, embora tenha receio de que esta última parte do meu plano tenha deixado a desejar.

Como, portanto, não é minha intenção fornecer nenhum relato em particular sobre as aflições nas quais o rei esteve envolvido devido à má conduta e crueldade do seu Parlamento, eu devo me satisfazer em defendê-lo da crítica de manter um governo arbitrário e tirânico, de que ele geralmente é acusado. Isso, eu sinto, não será uma tarefa difícil, pois com apenas um argumento estou certa que satisfarei todas as pessoas sensíveis e bem-dispostas, cujas opiniões tenham sido propriamente guiadas por uma boa educação – e esse argumento é o de que ele era um Stuart.

Concluído no sábado, dia 26 de novembro de 1791.

2.3 Comentários sobre Trechos Específicos

Nesta parte do meu Trabalho de Conclusão de Curso, então, trago comentários sobre trechos específicos da minha tradução, apresentando aspectos mais pontuais da tradução, e justificando as minhas escolhas.

Uma das primeiras decisões que tomei durante este exercício de tradução foi sobre como registrar os nomes desses personagens históricos, já que há variantes nas formas como eles são referidos, em português. No caso dos reis e das rainhas da Inglaterra, eu traduzi a maioria dos nomes próprios dos monarcas para os seus equivalentes na língua portuguesa. Assim, Henry foi traduzido para Henrique, Edward para Eduardo, Richard para Ricardo, Charles para Carlos e James para Jaime. As exceções foram os nomes das rainhas Mary e Elizabeth; optei por manter os nomes originais em língua inglesa, visto que eles já são consagrados entre o público leitor brasileiro. Afinal, no caso de Elizabeth, os brasileiros, de forma geral, estão familiarizados com o nome, por ser também o da atual monarca inglesa, a Rainha Elizabeth II. Já em Portugal usa-se a tradução Izabel, para Elizabeth; mas, de qualquer forma, optei por conservar o original em inglês. No caso de Mary (tanto Mary Tudor quanto Mary Stuart), mantive o original visto que o nome Maria também existe na língua inglesa, podendo assim gerar confusões.

Logo na primeira frase, já encontramos situações nas quais a autora utiliza sarcasmo para gerar humor e contar fatos da história. Nesse caso, o texto original diz “having prevailed on his cousin (...) where he happened to be murdered”. Na minha tradução, então, eu busquei manter esse mesmo tom casual e irônico utilizado por Austen, sem me importar tanto com o conteúdo exato da frase em si, mas sim com o humor que ela gera.

Ao longo de todo seu texto, Austen menciona, faz referências, ou até mesmo compara os acontecimentos e as pessoas que ela está narrando a obras que leu. Por esse motivo, coloquei várias notas de rodapé explicativas ao longo da minha tradução, a fim de apontar essas referências, ou até mesmo elucidar o porquê de elas gerarem humor.

Na seção sobre a mudança de vida do rei Henrique V, no original, a expressão que Austen utiliza é “grew quite reformed and amiable”, dando, portanto, uma conotação positiva a esta mudança. Contudo, na minha tradução, considerei o fato de ele ter se tornado uma pessoa diferente mais importante do que a conotação dessa palavra específica, visto que, nas linhas seguintes, essa positividade já pode ser observada na descrição de suas ações. Além disso, quando alguém “muda de vida”, normalmente é para melhor.

Nos seus escritos originais, Austen opta, em mais de uma ocasião, por escrever uma palavra inteira em maiúsculas, ou então por iniciar palavras com a letra maiúscula aleatoriamente, fugindo do padrão da língua inglesa. Em alguns casos, a escolha dela em usar

letra maiúscula parece indicar uma força maior, um tom mais forte para a palavra ou expressão. Contudo, em outros casos, a escolha parece completamente aleatória. Assim, na minha tradução, eu optei por padronizar todos os casos em minúsculo, como indicam as regras da gramática normativa portuguesa, uma vez que o hábito de capitalizar expressões é bem mais comum em inglês do que em português.

Outro aspecto bastante curioso e relevante na obra é o uso das ilustrações de Cassandra. No texto original, a irmã de Jane Austen desenhou, em aquarela, retratos de quase todos os monarcas mencionados no texto. Porém, esses desenhos são muito mais charges do que retratos sérios e fiéis dos monarcas ingleses. Esses desenhos contribuem para a interação do leitor, são utilizados como forma de trazer ainda mais humor para o texto e têm uma função na sátira de Austen, com os traçam que exageram certas características e eliminam outras. Assim, na minha tradução, os desenhos são mantidos, e as referências feitas a eles são preservadas, com o objetivo de alcançar os mesmos efeitos da obra original.

Na seção sobre o rei Henrique VII, no original, Austen usa a expressão “one of the first characters in the world”. Para a minha tradução, eu interpretei a palavra “first” não simplesmente no sentido de cronológico, mas sim no de “vir em primeiro lugar”, “estar acima dos outros”, “ser mais importante”. A meu ver, não faria sentido simplesmente falar que Mary foi um dos “primeiros personagens”; afinal, ela nem mesmo é um personagem, mas sim uma figura histórica. Logo, optei por traduzir a expressão por “uma das personalidades mais importantes do mundo”, deixando o significado mais abrangente.

Tive certa dificuldade em traduzir o termo “stocks”, ainda na passagem do monarca Henrique VII, uma vez que é um termo antigo, que significa aquelas estruturas de madeira nas quais criminosos eram presos e deixados para sofrer humilhação – ou seja, a palavra tem o uso relacionado às punições e tipos de morte reservadas àqueles que desobedeciam a lei muitos séculos atrás. O Brasil, diferentemente da Inglaterra, é um país muito novo. Logo, apesar de a língua portuguesa possuir esse termo, e de eles também terem sido bastante utilizados em suas épocas, eles são extremamente arcaicos e desconhecidos pelo público brasileiro, de forma geral. Dessa forma, optei por traduzir “stocks” por “picota”, dando ao texto em português justamente esta ideia de antigo. Afinal, considerando que se trata de um texto escrito no final do século XVIII, considero o uso de termos mais antigos não apenas algo esperado, como também bem-visto.

No final da seção do rei Eduardo VI, ocorre a expressão “appearance of knowledge”, que foi bastante complicada para traduzir. Isso porque eu queria manter o tom casual e cômico que Jane Austen usava, uma vez que o meu objetivo era o de justamente mostrar ao público

brasileiro a forma como ela pensava aos 15 anos – e não o conteúdo exato do texto sobre a história da Inglaterra em si. Porém, “aparência de conhecimento”, ou qualquer outra escolha literal e óbvia seria formal demais, fazendo o tom casual se perder. Logo, optei por traduzir como “pose de sabida”, mostrando que, na concepção da jovem Austen, Lady Jane Grey mais se achava inteligente do que realmente o era.

Na parte sobre a rainha Mary, no original, Austen escreveu a expressão “not fewer than a dozen” para se referenciar aos mártires da religião protestante. Porém, em português, a expressão “meia-dúzia” é mais utilizada para expressar ironia e descrença, enquanto “dúzia” serve mais como uma forma de medida propriamente dita. Logo, traduzi a expressão por “não menos que meia-dúzia”, numa tentativa de acentuar o humor da frase.

No escrito original, Austen utilizou o termo “bewitching” para se referir a Mary Stuart, Rainha da Escócia. Em seu sentido completo, o termo pode significar tanto encantar no sentido de “fascinar”, quanto no sentido de “enfeitiçar”, como uma bruxa. Porém, conhecendo as opiniões de Austen quanto à inocência e pureza da Rainha da Escócia, pode-se concluir que ela não desejaria que esse segundo sentido fosse interpretado em seu texto. Logo, optei por “encantar”, que, apesar de também possuir o sentido de “enfeitiçar”, é mais associado a algo positivo.

Por fim, para concluir os meus comentários sobre trechos específicos, no texto original, a charada que se referia a um “carpet” era a seguinte: “My first is what my second was to King James the 1st, and you tread on my whole”. Ou seja, “Car”, apelido do Conde de Somerset, que era o “pet” (mascote) do Rei Jaime I. Felizmente, a palavra “carpete”, em português, é bastante semelhante ao em inglês. Logo, a tradução literal para “o meu primeiro é o que o meu segundo foi para o Rei Jaime I, e você pisa no meu todo” funcionou muito bem, pois manteve o jogo de significados.

CONCLUSÃO

O ato de traduzir nem sempre é reconhecido ou valorizado como deveria. Quando o texto está bem traduzido, o tradutor geralmente não é lembrado e a obra é lida como se estivesse em seu idioma original. Porém, quando ele está mal traduzido, o tradutor é sempre severamente criticado por seus erros, e quase nunca recebe uma segunda chance para se defender. Traduzir o texto de uma autora tão mundialmente famosa como a Jane Austen, então, é uma tarefa ainda mais complicada, visto que haverá diversas pessoas familiarizadas com o seu trabalho e prontas para criticar todo e qualquer deslize. Por isso, é tão fundamental que o tradutor, além de possuir um vasto domínio das línguas com as quais trabalha, seja um pesquisador, com um grande conhecimento sobre os assuntos tratados em suas traduções – quer seja uma tradução de um texto técnico ou literário. Assim, suas escolhas poderão ser justificadas contra qualquer crítica que possa vir a ocorrer.

Ao traduzir a obra “História da Inglaterra”, produzida por uma Jane Austen quando ainda bastante jovem, muitos aspectos precisaram ser levados em consideração. Se eu não fosse já familiarizada com os romances e com o estilo da autora, e se eu não tivesse passado a minha graduação pesquisando os aspectos históricos presentes em suas obras, eu não teria sido capaz de compreender o texto, muito menos traduzi-lo. Afinal, ele traz muitas referências a questões específicas sobre a história da Inglaterra em si, sobre a vida da autora, sobre o contexto histórico no qual ela estava inserida, e sobre as peculiaridades do uso que ela fazia do humor, como eu apontei, expliquei e exemplifiquei ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Por exemplo, seria impossível traduzir apropriadamente sentenças irônicas que tratam sobre fatos da história da Inglaterra se eu própria já não fosse familiarizada com a verdade por trás desses fatos – e com verdade eu não quero dizer verdade absoluta, mas sim o que é mais amplamente difundido e aceito entre os historiadores. Afinal, não faria sentido Austen dizer que Lambert Simnel, um impostor ao trono inglês que afirmava ser Eduardo Plantageneta, era na verdade uma mulher, a falecida rainha esposa de Ricardo III. Assim, se eu não conhecesse os acontecimentos e as figuras históricas desta passagem, jamais entenderia que Austen estava sendo irônica e, conseqüentemente, não seria capaz de fazer uma boa tradução.

Além disso, se eu não fosse familiarizada com fatos da vida pessoal de Jane Austen e com o período da história inglesa no qual ela vivia e produzia, eu não teria sido capaz de compreender a maior parte das referências que ela faz dentro de seu texto “História da Inglaterra”. Afinal, essas referências eram bastante específicas, podendo ser feitas em relação às pessoas que Austen conhecia, como no caso dos seus vizinhos Sr. Whitaker, Sra. Lefroy e

Sra. Knight; às obras que ela havia lido, como as peças de Shakespeare; ou até mesmo sendo comparações entre conhecidos de sua vida e figuras históricas, ou então entre personagens das obras lidas e figuras históricas. Logo, sem a compreensão e o conhecimento sobre esses aspectos específicos, muito do que é dito no texto original de Austen acabaria sendo perdido na tradução.

Além disso, eu precisei ter sempre em mente o público, o tempo e o local para qual o texto original havia sido produzido, assim como o público e o meio para o qual eu estava traduzindo o texto. Logo, precisei me preocupar com a função de Jane Austen ao escrever texto original – que era o de divertir sua família e expressar suas fortes opiniões –, e busquei assemelhar seus objetivos aos meus, visto que busquei produzir uma tradução que representasse a mesma ideia intencionada pelo original. Dessa forma, embora os leitores da tradução não sejam os familiares da Jane Austen e não estejam no final do século XVIII, eles terão o conhecimento de que este era o público original do texto.

Assim, escrevi este Trabalho de Conclusão de Curso pensando em fazer dele um guia, que poderia depois ser lido por um público mais específico, com o objetivo de se informar e compreender ainda melhor a “História da Inglaterra” de Austen. Afinal, mesmo com as notas de rodapé explicativas ao longo da minha tradução, muitas questões específicas não puderam ser esclarecidas, tais como todo aquele período da história da Inglaterra em si.

Logo, considero que tanto a minha tradução do texto de Jane Austen, quanto os meus comentários sobre a obra e sobre a tradução, foram extremamente relevantes para a expansão da visão de alguns leitores e pesquisadores de Jane Austen – principalmente no âmbito brasileiro, onde essas obras iniciais de autora são tão pouco conhecidas e valorizadas. Afinal, essas obras da *Juvenilia* mostram o início do desenvolvimento de Austen como a autora tão famosa e reconhecida por usar sutilmente o humor e por retratar tão fielmente a sociedade específica daquela pequena nobreza rural da Inglaterra da qual ela pertencia, no final do século XVIII e início do século XIX.

REFERÊNCIAS

- AUSTEN, Jane. *Emma. An Annotated Edition*. Edited by Bharat Tandon. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2012.
- _____. *Jane Austen's Letters*. Edited by Deirdre Le Faye. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- _____. *Mansfield Park*. London: Arcturus Publishing Limited, 2016.
- _____. *Northanger Abbey*. London: Arcturus Publishing Limited, 2016.
- _____. *Persuasion. An Annotated Edition*. Edited by Robert Morrison. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2011.
- _____. *Pride and Prejudice*. London: Collector's Library, 2003.
- AUSTEN, Jane. *Sanditon, Lady Susan & The History of England*. London: Collector's Library, 2011.
- _____. *Sense and Sensibility*. New York: Dover Publications, 2010.
- _____. "The History of England: From the Reign of Henry the 4th to the Death of Charles the 1st". Disponível em: < <http://penelope.uchicago.edu/austen/austen.html>>. Acesso em: 28/10/2016.
- AUSTEN-LEIGH, James Edward. *A Memoir of Jane Austen*. Cambridge: Cambridge Library Collection, 2009.
- CLELAND, John. *Memoirs of Fanny Hill*. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/files/25305/25305-h/25305-h.htm>>. Acesso em: 02/02/2018.
- FUNCK, Elvio. *Breve História da Inglaterra*. 2ª ed. Porto Alegre: Movimento, 2013.
- GREENBLATT, Stephen. "Towards a Poetics of Culture". In: VEESER, H. A. (Ed.). *The New Historicism*. London: Routledge, 1989, p. 1-14.
- HUME, David. *The History of England: From the Invasion of Julius Caesar to the Revolution in 1688 – Volume III*. London: A. Millar, 1762. Disponível em: < <https://play.google.com/store/books/details?id=6HxcAAAACAAJ&rdid=book-6HxcAAAACAAJ&rdot=1>>. Acesso em: 02/01/2018.
- LANDOW, George. "What was the life of a typical Englishman just before Victoria ascended the throne?". *The Victorian Web: Literature, History, & Culture in the Age of Victoria*. Disponível em: < <http://victorianweb.org/history/typical.html>>. Acesso em: 20/12/2017.

LAUBER, John. "Jane Austen's Fools". *Studies in English Literature, 1500-1900*. Texas, Vol. 14, No. 4, p. 511-524, 1974. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/449750> >. Acesso em: 11/06/2017.

LE FAYE, Deirdre. "Part 1: The World of Jane Austen". In: _____. *Jane Austen: The World of Her Novels*. London: Frances Lincoln, 2002, p. 9-149.

MUNDAY, Jeremy. "Functional theories of Translation". In: _____. *Introducing Translation Studies*. New York: Routledge, 2001.

NOLAN-GRANT, Candace. "Jane Austen's Speech Acts and Language-Based Societies". *Studies in English Literature, 1500-1900*. Texas, Vol. 94, No. 4, p. 863-878, 2009. Disponível em: < <http://www.jstor.org/stable/40467508> >. Acesso em: 11/06/2017.

NORD, Christiane. *Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis*. 2nd ed. Amsterdam: Rodopi, 2005.

PERLSTEIN, Arnie. "Jane Austen's Carpet Sharade on Jame". *Sharp Elves Society – Jane Austen's Shadow Stories*. Disponível em: < <http://sharpevessociety.blogspot.com.br/2013/02/jane-austens-carpet-sharade-on-james.html> >. Acesso em: 05/05/2017.

SHAKESPEARE, William. The First Part of King Henry the Fourth. In: _____. *The Complete Works of William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 1994, p. 416-448.

SHAKESPEARE, William. The Second Part of King Henry the Fourth. In: _____. *The Complete Works of William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 1994, p. 449-484.

SHAKESPEARE, William. King Henry the Fifth. In: _____. *The Complete Works of William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 1994, p. 484-519.

SHERIDAN, R. B. *The Critic*. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/cache/epub/7108/pg7108.html> >. Acesso em: 02/01/2018.

SMITH, C. T. Emmeline: The Orphan of the Castle. Disponível em: < <http://www.gutenberg.org/files/41646/41646-h/41646-h.htm> >. Acesso em: 02/01/2018.

SULLIVAN, Margaret. *The Jane Austen Handbook – Proper Life Skills from Regency England*. Philadelphia: Quirk Books, 2007.

TODD, Janet. *The Jane Austen Treasury*. London: Andre Deutsch, 2017.

ANEXO²⁸

**THE HISTORY OF
ENGLAND
FROM THE REIGN OF
HENRY THE 4TH TO THE
DEATH OF CHARLES THE
1ST**

BY A PARTIAL, PREJUDICED, AND IGNORANT HISTORIAN.

To Miss Austen, eldest daughter of the Rev. George Austen, this work is inscribed with all due respect by THE AUTHOR.

N.B. There will be very few Dates in this History.

HENRY the 4th

Henry the 4th ascended the throne of England much to his own satisfaction in the year 1399, after having prevailed on his cousin and predecessor Richard the 2nd, to resign it to him, and to retire for the rest of his life to Pomfret Castle, where he happened to be murdered. It is to be supposed that Henry was married, since he had certainly four sons, but it is not in my power to inform the Reader who was his wife. Be this as it may, he did not live for ever, but falling ill, his son the Prince of Wales came and took away the crown; whereupon the King made a long speech, for which I must refer the Reader to Shakespear's Plays, and the Prince made a still longer. Things being thus settled between them the King died, and was succeeded by his son Henry who had previously beat Sir William Gascoigne.

²⁸ Disponível no endereço <http://penelope.uchicago.edu/austen/austen.html>. Acesso em 1/1/2017.

HENRY the 5th

This Prince after he succeeded to the throne grew quite reformed and amiable, forsaking all his dissipated companions, and never thrashing Sir William again. During his reign, Lord Cobham was burnt alive, but I forget what for. His Majesty then turned his thoughts to France, where he went and fought the famous Battle of Agincourt. He afterwards married the King's daughter Catherine, a very agreeable woman by Shakespear's account. In spite of all this however he died, and was succeeded by his son Henry.

HENRY the 6th

I cannot say much for this Monarch's sense. Nor would I if I could, for he was a Lancastrian. I suppose you know all about the Wars between him and the Duke of York who was of the right side; if you do not, you had better read some other History, for I shall not be very diffuse in this, meaning by it only to vent my spleen AGAINST, and shew my Hatred TO all those people whose parties or principles do not suit with mine, and not to give information. This King married Margaret of Anjou, a Woman whose distresses and misfortunes were so great as almost to make me who hate her, pity her. It was in this reign that Joan of Arc lived and made such a ROW among the English. They should not have burnt her—but they did. There were several Battles between the Yorkists and Lancastrians, in which the former (as they ought) usually conquered. At length they were entirely overcome; The King was murdered—The Queen was sent home—and Edward the 4th ascended the Throne.

EDWARD the 4th

This Monarch was famous only for his Beauty and his Courage, of which the Picture we have here given of him, and his undaunted Behaviour in marrying one Woman while he was engaged to another, are sufficient proofs. His Wife was Elizabeth Woodville, a Widow who, poor Woman! was afterwards confined in a Convent by that Monster of Iniquity and Avarice Henry the 7th. One of Edward's Mistresses was Jane Shore, who has had a play written about her, but it is a tragedy and therefore not worth reading. Having performed all these noble actions, his Majesty died, and was succeeded by his son.

EDWARD the 5th

This unfortunate Prince lived so little a while that nobody had him to draw his picture. He was murdered by his Uncle's Contrivance, whose name was Richard the 3rd.

RICHARD the 3rd

The Character of this Prince has been in general very severely treated by Historians, but as he was a YORK, I am rather inclined to suppose him a very respectable Man. It has indeed been confidently asserted that he killed his two Nephews and his Wife, but it has also been declared that he did not kill his two Nephews, which I am inclined to believe true; and if this is the case, it may also be affirmed that he did not kill his Wife, for if Perkin Warbeck was really the Duke of York, why might not Lambert Simnel be the Widow of Richard. Whether innocent or guilty, he did not reign long in peace, for Henry Tudor E. of Richmond as great a villain as ever lived, made a great fuss about getting the Crown and having killed the King at the battle of Bosworth, he succeeded to it.

HENRY the 7th

This Monarch soon after his accession married the Princess Elizabeth of York, by which alliance he plainly proved that he thought his own right inferior to hers, tho' he pretended to the contrary. By this Marriage he had two sons and two daughters, the elder of which Daughters was married to the King of Scotland and had the happiness of being grandmother to one of the first Characters in the World. But of HER, I shall have occasion to speak more at large in future. The youngest, Mary, married first the King of France and secondly the D. of Suffolk, by whom she had one daughter, afterwards the Mother of Lady Jane Grey, who tho' inferior to her lovely Cousin the Queen of Scots, was yet an amiable young woman and famous for reading Greek while other people were hunting. It was in the reign of Henry the 7th that Perkin Warbeck and Lambert Simnel before mentioned made their appearance, the former of whom was set in the stocks, took shelter in Beaulieu Abbey, and was beheaded with the Earl of Warwick, and the

latter was taken into the Kings kitchen. His Majesty died and was succeeded by his son Henry whose only merit was his not being quite so bad as his daughter Elizabeth.

HENRY the 8th

It would be an affront to my Readers were I to suppose that they were not as well acquainted with the particulars of this King's reign as I am myself. It will therefore be saving THEM the task of reading again what they have read before, and MYSELF the trouble of writing what I do not perfectly recollect, by giving only a slight sketch of the principal Events which marked his reign. Among these may be ranked Cardinal Wolsey's telling the father Abbott of Leicester Abbey that "he was come to lay his bones among them," the reformation in Religion and the King's riding through the streets of London with Anna Bullen. It is however but Justice, and my Duty to declare that this amiable Woman was entirely innocent of the Crimes with which she was accused, and of which her Beauty, her Elegance, and her Sprightliness were sufficient proofs, not to mention her solemn Protestations of Innocence, the weakness of the Charges against her, and the King's Character; all of which add some confirmation, tho' perhaps but slight ones when in comparison with those before alledged in her favour. Tho' I do not profess giving many dates, yet as I think it proper to give some and shall of course make choice of those which it is most necessary for the Reader to know, I think it right to inform him that her letter to the King was dated on the 6th of May. The Crimes and Cruelties of this Prince, were too numerous to be mentioned, (as this history I trust has fully shown;) and nothing can be said in his vindication, but that his abolishing Religious Houses and leaving them to the ruinous depredations of time has been of infinite use to the landscape of England in general, which probably was a principal motive for his doing it, since otherwise why should a Man who was of no Religion himself be at so much trouble to abolish one which had for ages been established in the Kingdom. His Majesty's 5th Wife was the Duke of Norfolk's Neice who, tho' universally acquitted of the crimes for which she was beheaded, has been by many people supposed to have led an abandoned life before her Marriage—of this however I have many doubts, since she was a relation of that noble Duke of Norfolk who was so warm in the Queen of Scotland's cause, and who at last fell a victim to it. The Kings last wife contrived to survive him, but with difficulty effected it. He was succeeded by his only son Edward.

EDWARD the 6th

As this prince was only nine years old at the time of his Father's death, he was considered by many people as too young to govern, and the late King happening to be of the same opinion, his mother's Brother the Duke of Somerset was chosen Protector of the realm during his minority. This Man was on the whole of a very amiable Character, and is somewhat of a favourite with me, tho' I would by no means pretend to affirm that he was equal to those first of Men Robert Earl of Essex, Delamere, or Gilpin. He was beheaded, of which he might with reason have been proud, had he known that such was the death of Mary Queen of Scotland; but as it was impossible that he should be conscious of what had never happened, it does not appear that he felt particularly delighted with the manner of it. After his decease the Duke of Northumberland had the care of the King and the Kingdom, and performed his trust of both so well that the King died and the Kingdom was left to his daughter in law the Lady Jane Grey, who has been already mentioned as reading Greek. Whether she really understood that language or whether such a study proceeded only from an excess of vanity for which I believe she was always rather remarkable, is uncertain. Whatever might be the cause, she preserved the same appearance of knowledge, and contempt of what was generally esteemed pleasure, during the whole of her life, for she declared herself displeas'd with being appointed Queen, and while conducting to the scaffold, she wrote a sentence in Latin and another in Greek on seeing the dead Body of her Husband accidentally passing that way.

MARY

This woman had the good luck of being advanced to the throne of England, in spite of the superior pretensions, Merit, and Beauty of her Cousins Mary Queen of Scotland and Jane Grey. Nor can I pity the Kingdom for the misfortunes they experienced during her Reign, since they fully deserved them, for having allowed her to succeed her Brother—which was a double peice of folly, since they might have foreseen that as she died without children, she would be succeeded by that disgrace to humanity, that pest of society, Elizabeth. Many were the people who fell martyrs to the protestant Religion during her reign; I suppose not fewer than a dozen. She married Philip King of Spain who in her sister's reign was famous for building Armadas. She died without issue, and then the dreadful moment came in which the destroyer of all comfort, the deceitful Betrayer of trust reposed in her, and the Murderess of her Cousin succeeded to the Throne.—

ELIZABETH

It was the peculiar misfortune of this Woman to have bad Ministers—Since wicked as she herself was, she could not have committed such extensive mischief, had not these vile and abandoned Men connived at, and encouraged her in her Crimes. I know that it has by many people been asserted and believed that Lord Burleigh, Sir Francis Walsingham, and the rest of those who filled the chief offices of State were deserving, experienced, and able Ministers. But oh! how blinded such writers and such Readers must be to true Merit, to Merit despised, neglected and defamed, if they can persist in such opinions when they reflect that these men, these boasted men were such scandals to their Country and their sex as to allow and assist their Queen in confining for the space of nineteen years, a WOMAN who if the claims of Relationship and Merit were of no avail, yet as a Queen and as one who condescended to place confidence in her, had every reason to expect assistance and protection; and at length in allowing Elizabeth to bring this amiable Woman to an untimely, unmerited, and scandalous Death. Can any one if he reflects but for a moment on this blot, this everlasting blot upon their understanding and their Character, allow any praise to Lord Burleigh or Sir Francis Walsingham? Oh! what must this bewitching Princess whose only friend was then the Duke of Norfolk, and whose only ones now Mr Whitaker, Mrs Lefroy, Mrs Knight and myself, who was abandoned by her son, confined by her Cousin, abused, reproached and vilified by all, what must not her most noble mind have suffered when informed that Elizabeth had given orders for her Death! Yet she bore it with a most unshaken fortitude, firm in her mind; constant in her Religion; and prepared herself to meet the cruel fate to which she was doomed, with a magnanimity that would alone proceed from conscious Innocence. And yet could you Reader have believed it possible that some hardened and zealous Protestants have even abused her for that steadfastness in the Catholic Religion which reflected on her so much credit? But this is a striking proof of THEIR narrow souls and prejudiced Judgements who accuse her. She was executed in the Great Hall at Fortheringay Castle (sacred Place!) on Wednesday the 8th of February 1586—to the everlasting Reproach of Elizabeth, her Ministers, and of England in general. It may not be unnecessary before I entirely conclude my account of this ill-fated Queen, to observe that she had been accused of several crimes during the time of her reigning in Scotland, of which I now most seriously do assure my Reader that she was entirely innocent; having never been guilty of anything more than Imprudencies into which she was betrayed by

the openness of her Heart, her Youth, and her Education. Having I trust by this assurance entirely done away every Suspicion and every doubt which might have arisen in the Reader's mind, from what other Historians have written of her, I shall proceed to mention the remaining Events that marked Elizabeth's reign. It was about this time that Sir Francis Drake the first English Navigator who sailed round the World, lived, to be the ornament of his Country and his profession. Yet great as he was, and justly celebrated as a sailor, I cannot help foreseeing that he will be equalled in this or the next Century by one who tho' now but young, already promises to answer all the ardent and sanguine expectations of his Relations and Freinds, amongst whom I may class the amiable Lady to whom this work is dedicated, and my no less amiable self.

Though of a different profession, and shining in a different sphere of Life, yet equally conspicuous in the Character of an Earl, as Drake was in that of a Sailor, was Robert Devereux Lord Essex. This unfortunate young Man was not unlike in character to that equally unfortunate one FREDERIC DELAMERE. The simile may be carried still farther, and Elizabeth the torment of Essex may be compared to the Emmeline of Delamere. It would be endless to recount the misfortunes of this noble and gallant Earl. It is sufficient to say that he was beheaded on the 25th of Feb, after having been Lord Lieutenant of Ireland, after having clapped his hand on his sword, and after performing many other services to his Country. Elizabeth did not long survive his loss, and died so miserable that were it not an injury to the memory of Mary I should pity her.

JAMES the 1st

Though this King had some faults, among which and as the most principal, was his allowing his Mother's death, yet considered on the whole I cannot help liking him. He married Anne of Denmark, and had several Children; fortunately for him his eldest son Prince Henry died before his father or he might have experienced the evils which befell his unfortunate Brother.

As I am myself partial to the roman catholic religion, it is with infinite regret that I am obliged to blame the Behaviour of any Member of it: yet Truth being I think very excusable in an Historian, I am necessitated to say that in this reign the roman Catholics of England did not behave like Gentlemen to the protestants. Their Behaviour indeed to the Royal Family and both Houses of Parliament might justly be considered by them as very uncivil, and even Sir Henry

Percy tho' certainly the best bred man of the party, had none of that general politeness which is so universally pleasing, as his attentions were entirely confined to Lord Mounteagle.

Sir Walter Raleigh flourished in this and the preceeding reign, and is by many people held in great veneration and respect—But as he was an enemy of the noble Essex, I have nothing to say in praise of him, and must refer all those who may wish to be acquainted with the particulars of his life, to Mr Sheridan's play of the Critic, where they will find many interesting anecdotes as well of him as of his friend Sir Christopher Hatton.—His Majesty was of that amiable disposition which inclines to Freindship, and in such points was possessed of a keener penetration in discovering Merit than many other people. I once heard an excellent Sharade on a Carpet, of which the subject I am now on reminds me, and as I think it may afford my Readers some amusement to FIND IT OUT, I shall here take the liberty of presenting it to them.

SHARADE My first is what my second was to King James the 1st, and you tread on my whole.

The principal favourites of his Majesty were Car, who was afterwards created Earl of Somerset and whose name perhaps may have some share in the above mentioned Sharade, and George Villiers afterwards Duke of Buckingham. On his Majesty's death he was succeeded by his son Charles.

CHARLES the 1st

This amiable Monarch seems born to have suffered misfortunes equal to those of his lovely Grandmother; misfortunes which he could not deserve since he was her descendant. Never certainly were there before so many detestable Characters at one time in England as in this Period of its History; never were amiable men so scarce. The number of them throughout the whole Kingdom amounting only to FIVE, besides the inhabitants of Oxford who were always loyal to their King and faithful to his interests. The names of this noble five who never forgot the duty of the subject, or swerved from their attachment to his Majesty, were as follows—The King himself, ever stedfast in his own support—Archbishop Laud, Earl of Strafford, Viscount Faulkland and Duke of Ormond, who were scarcely less strenuous or zealous in the cause. While the VILLIANS of the time would make too long a list to be written or read; I shall therefore content myself with mentioning the leaders of the Gang. Cromwell, Fairfax, Hampden, and Pym may be considered as the original Causers of all the disturbances, Distresses, and Civil Wars in which England for many years was embroiled. In this reign as

well as in that of Elizabeth, I am obliged in spite of my attachment to the Scotch, to consider them as equally guilty with the generality of the English, since they dared to think differently from their Sovereign, to forget the Adoration which as STUARTS it was their Duty to pay them, to rebel against, dethrone and imprison the unfortunate Mary; to oppose, to deceive, and to sell the no less unfortunate Charles. The Events of this Monarch's reign are too numerous for my pen, and indeed the recital of any Events (except what I make myself) is uninteresting to me; my principal reason for undertaking the History of England being to Prove the innocence of the Queen of Scotland, which I flatter myself with having effectually done, and to abuse Elizabeth, tho' I am rather fearful of having fallen short in the latter part of my scheme.—As therefore it is not my intention to give any particular account of the distresses into which this King was involved through the misconduct and Cruelty of his Parliament, I shall satisfy myself with vindicating him from the Reproach of Arbitrary and tyrannical Government with which he has often been charged. This, I feel, is not difficult to be done, for with one argument I am certain of satisfying every sensible and well disposed person whose opinions have been properly guided by a good Education—and this Argument is that he was a STUART.

Finis Saturday Nov: 26th 1791.